ANNO V
NUMERO 230

# Para todos...

PREÇO 1$000

# GUIA CONFIDENCIAL DOS FILMS EM EXHIBIÇÃO

NOTA — *Nesse guia só apparecem os films dignos de menção, por este ou aquelle motivo.*

## FILMS QUE TODA GENTE DEVE VER

ONE EXCITING NIGHT — United Artists. E' uma perfeita novidade em materia de film, este de Griffith, inspirado na novella de Mary Roberts Rinehart. Tem de tudo, desde o tragico até o comico.

OLIVER TWIST — First National. Versão razoavel da obra de Dickens, por Jackie Coogan. Excellente producção. Excellentes artistas.

THE BOND BOY — First National. E' uma 2ª edição de *Tol'able David*, por Barthelmess. Este e Mary Alden em seu esplendido desempenho fazem fechar os olhos á fraqueza do argumento.

CLARENCE — Paramount. Uma pequena obra prima dirigida por William de Mille. Wallace Reid, excellente. May Mc Avoy, Agnes Ayres e Robert Agnew idem

## OS MELHORES NO SEU GENERO

TRIFLING WOMAN — Metro. Dirigido por Ingram, é um fantastico e selvatico enredo como Theda Bara preferiria, mas que duvidamos se lhe fosse dado ella pudesse desempenhar com a maestria e o brilho que lhe emprestou Barbara La Marr. Deve ser prohibido ás pessoas nervosas.

UNDER TWO FLAGS — Universal. Velho melodrama que Priscilla Dean remoçou com a sua interpretação.

LORNA DOONE — First National. Dirigido por Tourneur, com Madge Bellamy e John Bowers, muito decorativos nos principaes papeis. Esta velha historia é bellissima na versão cinematographica.

REMEMBRANCE — Goldwyn. Direcção de Rupert Hughes, é um desses dramas familiares que se não fossem outras qualidades, serviria ao menos para nos mostrar a esplendida caracterisação de Claude Gillingwater.

BROADWAY ROSE — Metro. A costumada producção marca Mae Murray com outros enfeites dourados. Esta artista chega a parecer-nos insupportavel, ás vezes, no meio de suas galas, mas dansa maravilhosamente. Como sempre as scenas são magnificamente illuminadas e dirigidas.

SKIN DEEP — First National. Melodrama em que um patiforio se regenera. A caracterisação de Milton Sills neste film é assombrosa e deve ser vista e revista.

ON THE HIGH SEAS — Paramount. O que menos notavel é neste film é o argumento; não, o argumento e a "estrella". A vida de mar, os combates, o naufragio, o temporal... que belleza!

## VALEM O PREÇO DA ENTRADA

A WOMEN'S WOMAN — Allied Artists. Excellente film para pessoas caseiras. Só o trabalho de Mary Alden nelle resalta.

THE MAN WHO PLAYED GOD — United Artists. O mesmo que o anterior, mas neste é o trabalho de George Arliss que o salva.

RAGS TO RICHES — Warner Br. Wesley Barry toma parte. Esse film diverte.

DESERTED TO THE ALTER — Bessie Love, e Tully Marshall elevam com a sua interpretação esse film ao grão 33.

THE HEADLESS HORSEMAN—Pathé N. Y. A tragedia deste film é que elle podendo ter sahido excellente, ficou bom sómente. Will Rogers tem momentos felizes.

A TAILOR MADE MAN — United Artists. E' um film bom de Charles Ray, mas não é dos seus bons trabalhos.

JUNE MADNESS — Metro. Viola Dana empresta sua exuberancia para salvar esse ruim enredo, como é aliás o seu costume.

THE IMPOSSIBLE MRS. BELLEW — Paramount. Enredo insipido, com Gloria Swanson em uma série de *toilettes* de encher o olho.

# O CASO DE "LA GARÇONNE"

## Anatole France defende Victor Margueritte

Anatole France, que defendeu Victor Margueritte no caso de "La Garçonne", não foi o unico escriptor que assim procedeu. Entre outros, acompanharam-n'o Courteline, Rosny ainé e Porto Riche. Ao general Dubail, grande chanceller da Legião de Honra, e outros membros da commissão de inquerito instituida para verificar se Victor Margueritte attentara, publicando "La Garçonne", contra os deveres da honra para ser excluido da ordem honorifica da Legião de Honra, dirigiu Anatole France a carta que abaixo transcrevemos.

Victor Margueritte, intimado para comparecer perante aquella commissão e explicar-se, recusou-se, allegando que o caso não era para ser assim julgado, e sim perante a justiça commum. Não reconhecia áquella commissão competencia para julgar da moralidade de uma obra literaria.

E' esta a carta de Anatole France:

"Senhores.

Permitti que vos represente muito respeitosamente os perigos a que vos exporieis julgando uma causa que não póde ser verdadeiramente discernida senão pela consciencia publica, na paz do tempo.

Processos semelhantes já foram ter a certas jurisdicções, e a justiça não teve por que se felicitar de os ter evocado. Duas obras primas que honram a França e encantam o mundo, "Madame Bovary" e "Les Fleurs du Mal", foram perseguidas. Um poeta nobilissimo, de que se honra a Academia Franceza, Jean Richepin, foi condemnado por uma obra que todos nossos letrados admiram hoje. Que vosso tribunal, senhores, instruido por esses exemplos e inspirado na vossa sabedoria, não junte "La Garçonne" á lista já longa dos livros, que hoje condemnam e para os seculos os juizes que o condemnaram no seu apparecimento.

Victor Margueritte, senhores, é conhecido por grande numero de livros que testemunham um nobre talento e uma alta moralidade. Como se teria tornado de repente autor de uma obra infame? Isto não póde ser, nem é. Nesse livro, que levantou tantos fingidos furores, encontram-se as idéas generosas que sempre inspiraram o autor. Julgae-o pelo assumpto. Uma moça, bem dotada e de caracter energico, acha, com razão, o mundo bem feio. Por um erro que Victor Margueritte de nenhum modo approva, essa moça desesperada perde-se nos vicios para os quaes não fóra feita. Depois de alguns annos de erros, que ella presa muito pouco para querel-os amados, a moça entra numa vida honesta e regular, onde encontra a paz do coração e contentamento que em vão procurou alhures. Eis, em substancia, a fabula de "La Garçonne". Ella é virtuosa, e autores ha que indignados estão a gritar contra este livro, e no entanto em livros seus têm talvez desenvolvido themas menos moraes.

Na verdade, foram certas particularidades, detalhes, que mais chocaram na obra incriminada. Seria bem surprehendente que um escriptor tão seguro de sua fórma qual Victor Margueritte tenha perdido de um jacto o dominio ou governo de si mesmo. Não se desconheceram, em seu prejuizo, os direitos da arte, as justas liberdades do pensamento e as exigencias de um assumpto qual o estado de uma sociedade que ainda não tem egual em França? Victor Margueritte pintou, em "La Garçonne", a sociedade que a guerra fez; mostrou a depravação que tinha attingido, nos novos ricos, a extremo inaudito. Toda a gente o sabe, pois, nestes tempos desavergonhados, o deboche transbordou até á rua. Eu sinto que o pintor, nestes quadros, ficou bem aquem da realidade. Os males incommensuraveis de uma longa guerra produziram costumes abominaveis, que o moralista devia pintar. Foi o que fez Victor Margueritte numa medida que revela o homem de gosto.

Antes de condemnal-o, lembrae-vos do lapis vigoroso com que d'Aubigné pintou, no seu tempo, os que elle chama os Hermaphroditas. E' justo imputar a Juvenal os furores de Messalina?

Ah! senhores, tendes a felicidade de viver em regiões serenas, onde não podeis ver formarem-se os ciumes, as invejas, os odios que se quer que sancioneis.

Peço-vos, em vosso proprio interesse, não façaes o que vos não convem fazer. Abstei-vos num processo que excede infinitamente da vossa competencia.

Temei censurar o talento. Foi o que fez, com relação a Gustave Flaubert, M. Pinard, que passava por homem de espirito e honesto magistrado, cuja memoria entretanto ficou para sempre ridicula. Respeitemos os direitos sagrados do pensamento, que encontram sempre no futuro vingadores implacaveis.

Eis, senhores, as observações que julguei poder apresentar-vos respeitosamente, em favor de minha edade e das occupações que encheram minha vida.

Acceitae, senhores...

ANATOLE FRANCE

# SENHORITA AMOROSA

(Cançoneta)

*(A' graciosa senhorita Lilá...)*

I

Dizem que eu sou muito faceira,<br>
Delicada e risonha,<br>
Elegante e feiticeira;<br>
Que vivo assim como quem sonha<br>
Com um mysterioso alguem<br>
Que eu espero e que... não vem.

ESTRIBILHO

"Senhorita amorosa"<br>
Dizem todos que eu sou;<br>
De ideal "melindrosa"<br>
Alguem já me chamou;<br>
Entretanto eu sou... calma,<br>
E não amo a ninguem;<br>
Não existe em minh'alma<br>
Nem amor nem desdem.

II

Quando, uma vez, fiquei doente,<br>
Disse um medico amigo<br>
Que era um mal innocente;<br>
Que, de morrer, não ha perigo;<br>
Pois, quem soffre deste mal,<br>
Tem na vida um ideal...

ESTRIBILHO

"Senhorita amorosa"<br>
Elle então me chamou;<br>
E ideal "melindrosa"<br>
Dizem todos que eu sou;<br>
Entretanto eu sou... calma,<br>
E não amo a ninguem;<br>
Não existe em minh'alma<br>
Nem amor nem desdem.

III

E eu, sem remedio fiquei boa;<br>
Hoje estou muito forte;<br>
Com um regimensinho á tôa,<br>
Já desafio a propria morte,<br>
E, por que vivo a sorrir,<br>
Todos gostam de me ouvir...

ESTRIBILHO

"Senhorita amorosa"<br>
Dizem todos que eu sou;<br>
De ideal "melindrosa",<br>
Alguem já me chamou.<br>
*(Maliciosa)*: E' que eu finjo ser calma,<br>
Não amar a ninguem;<br>
Porém sinto em minh'alma<br>
Mais amor que desdem.

Bahia — I — 1923

*Eustorgio Wanderley.*

*Para todos...*

# SENHORITA AMOROSA

(CANÇONETA)

Pollah
A PALAVRA
ENVELHECER
é para as senhoras a mais triste do diccionario
Eliminação rapida de SARDAS, MANCHAS, ESPI-NHAS, CRAVOS, VERMELHIDÕES
e todas as imperfeições da pelle
Combatam diariamente a velhice
Não é possivel dizer aqui em poucas linhas o que fiz e as torturas a que fui sujeitei para recuperar a uniformidade da cutis e fazer desapparecer as rugas. Basta que affirme que, desesperada, não pensando mais ver-me livre das rugas e das asperezas que tinha no rosto, fiquei agradavelmente surprehendida, vendo em pouco tempo, com o uso do "POLLAH", unica e exclusivamente com esse créme, desapparecerem uma a uma todas as minhas rugas, as asperezas da cutis, que ficou muito mais clara e unida.
Como esse resultado é devéras benefico, inegualavel para tantas senhoras, que estão como eu estive, desesperadas pelas imperfeições da cutis, quero publicamente dar-lhes o meio de adquirirem a belleza da cutis e ficarem livres do pesadello das rugas.
ESTHER B. RIENER — B. Aires.
O ideal de um rosto bonito não é só a belleza da fórma, mas a limpeza da cutis, a ausencia de espinhas, manchas, escoriações, vermelhidões, cravos, póros muito abertos. A cutis deve ser bem unida sem quasi perceber-se os póros, branca ou morena, conforme a pessoa, porém, de um tom uniforme, limpa, sem manchas, sem pannos, sem asperezas, emfim, deve ter a semelhança da porcelana. Este é o segredo do CREME POLLAH — que transforma as cutis pouco agradaveis em rostos delicados, curando, modificando, unindo, e, devido a esse resultado, é que o CREME POLLAH, da AMERICAN BEAUTY ACADEMY, (Academia Americana de Belleza) está cada vez mais procurado em todo o mundo.
O CREME POLLAH encontra-se na Casa Crashley & C., Ouvidor, 58 e nas principaes perfumarias do Brasil — Remetteremos gratuitamente o livrinho ARTE DA BELLEZA, a quem enviar o "coupon" abaixo aos representantes da "American Beauty Academy" — Rua 1° de Março, 151 — Sobrado, RIO DE JANEIRO.
Póte 12$000
(PARA TODOS) — Córte este coupon e remetta aos Srs. Reps. da American Beauty Academy — Rua 1° de Março, 151, sob. — Rio de Janeiro.
NOME . . . . . . . . . . . . . . . . RUA . . . . . . . . . . . . . . . .
CIDADE . . . . . . . . . . . . . . .
ESTADO . . . . . . . . . . . . . . .

# Para todos...

*Rio de Janeiro, 12 de Maio de 1923*

## BRUGES, CIDADE MORTA...

*Minha pobre Bruges! Tu foste, nos meus primeiros annos de Poeta adolescente, um grande sonho que symbolisava toda a infinita belleza do silencio e da solidão... Rodenbach, o teu Poeta immaculado, que tinha a alma egual á tua e toda a tua vida no coração, ensinou-me a belleza de tuas torres, o silencio mortal de tuas ruas desertas, o aspecto resignado das janellas de tuas casas que nunca se illuminam, a quietude magnifica de teus canaes, a tua bruma, os teus moinhos, o mysticismo do teu "béguinage", as tuas velhinhas fazendo renda, a voz mysteriosa de teu carrilhão que parecia vir do céo... Foi elle, o teu Poeta, que fez de mim o longinquo adorador do teu silencio e da tua solidão... Bruges! Agora que este silencio foi violado, que vieram perturbar o teu bello sonho, que desrespeitaram a tua saudade, deixa que eu evoque o teu passado legendario e o encanto sublime de tua resignação, tendo na memoria a phrase do teu Poeta: "on marche dans elle comme dans un souvenir"... Bruges! Tu que foste a emotiva cidade de tantos Poetas, tambem déste ao meu coração horas de grandes doçuras. Nunca mais me sahiu da memoria a belleza de tua sombra e do ouvido a maravilha do teu silencio... E muitas vezes, quando pelos fins de tarde, eu me ponho a lembrar coisas vistas e vividas, tenho estampado na retina o esqueleto de um moinho que, isolado no alto de uma duna longinqua, move as azas, na hora do crespusculo, conformado, pacientemente...*

RODRIGO OCTAVIO FILHO

(Do livro — *O Fundo da Gaveta* — no prelo)

## HEREDITARIEDADE

*Hontem encontrei, num dos wagons da Tristeza, o Lopes. O Lopes me tinha feito, na vespera, umas confidencias...*

*Estava apaixonado por uma pequena que vira na noite de quinta-feira, em passeio pela nossa arteria principal, em companhia de umas moças que moram na parte da cidade baixa. Indagara e soubera que, temporariamente, ella e a mãe, estavam a veranear na Pedra Redonda. Ficára logo alvoroçado e preso aos encantos da menina. Realisava o seu ideal. Ha muito que procurava um rosto assim, num corpo como aquelle. Belleza toda fóra do commum... Estava pois decidido a entregar a liberdade e transformar-se em marido modelo, e isso sem demora e quanto antes. Iria ver a familia e seria negocio dito e feito. Por elle não haveria duvida, e por ella, — tambem parece que não, — em vista dos olhares promettedores que lhe lançara ás furtadellas...*

*Tudo isto me tinha dito elle, — vibrante de enthusiasmo, — na noite de sexta-feira, no Café Colombo, entre dois biscoutos e uma taça de leite. No sabbado encontrei-o no trem, como já disse. Vinha abatido, serio e com cara de quem acabou de chupar limão azedo!*

*Cheguei-me a elle:*

*— Então? Recrear os olhos com a vista da pequena? Aposto que já estás de corda bamba no pescoço?*

*— Deixa-me. Estou é gelado, frio como se voltasse do Polo Norte e arrependido de ter vindo. Nunca mais aqui ponho os pés.*

*— O que? Despiste as illusões? A menina desmereceu com a claridade do dia?*

*— Não. Continúa a ser tal qual a vi, com a mesma insinuante belleza, com o mesmo encanto de sempre. Lembrei-me porém do futuro e desisti.*

*— Ora, deixa-te disso. Financeiramente tens rendimentos de sobra para não te preoccupares com o que ha de vir.*

*— Não é bem isso. Não se trata de haveres, trata-se de uma questão de cara.*

*— Não sei decifrar enigmas.*

*— Escuta. Vim sómente para vel-a. Desci do carro, — cabeça alta, pé firme, coração ardente. Encontrei-a logo. Andava pelo areal a arejar a mãe e a colher conchinhas, que a onda inconstante, no seu vae-vem trazia. Assim que me viu, corou e sorriu, com aquelle encantador sorriso que tanto me enlevou. Mas tive a desdita de encarar a futura sogra, e... horror! E' a cara da filha, completa, esculpida, pintada... mas em caricatura: — sem dentes, sem carnes, sem cabello e com um nariz deste tamanho! Olhei-a horrorisado e recuei. Deu-me ganas de enforcal-a, mas a prudencia aconselhou-me a fugir, a correr, a disparar. E assim fiz: — metti-me no wagon e aqui vou desmoronado e disposto a não pensar mais em fazer della a Eva do meu Eden.*

*— Ora essa! estás doido? Vaes casar com a mãe ou com a filha? Que diabo tem a cara com a careta?*

*— Tem tudo. Não comprehendes que a bem amada de hoje vae ser amanhã, sem tirar nem pôr, o retrato vivo daquella que a pôz no mundo? Meu amigo, é a lei da hereditariedade que não falha, é o atavismo que ahi está a provar todos os dias, que quem sahe aos seus não degenera. Ter de aguentar, daqui a annos, a meu lado, por toda a vida uma carantonha daquellas, que pouco falta para virar a bicho! Não! Nunca! Nesse embrulho não vou eu. Canhões são para a guerra e não para se metter no lar, principalmente agora que estamos em plena paz. Depois...*

*Não o deixei concluir e pondo-lhe a mão no hombro, metti-o á bulha com a minha philosophia de muito senso e pouco peso:*

*— O' Lopes tu pareces que tens uma telha de mais ou uma aduéla de menos. Estás a embrulhar e a dar sentido differente a coisa mais natural do mundo. Lembra-te que com o correr do tempo tudo se transforma, se modifica: — corpo que é direito enverga, cara que é lisa enruga... Não ha protesto nem therapeutica que sirva. E' lei, — tem de se cumprir. Tu mudarás, ella mudará, nós todos mudaremos. E' fatal e é dos livros. E' a contribuição, o imposto que temos de pagar pela vida que vamos fruindo. Todo o sapato bonito acaba em chinello feio...*

*E por ahi, neste andar, fui indo, dando sempre geito á phrase, aprumando as idéas com argumentos fortes, rijos, inquebraveis, — que ao chegarmos ao Riacho já elle estava dentro do seu humor, com os ner-*

Na praia de Icarahy.

vos calmados e decidido a voltar.

E volta — vão ver, — e ao voltar é pela certa, o casamento vem...

*JOTA SÓ.*

◇

## *R O S A*

*Em um jardim, cercada de goivos, nasceu, um dia, uma rosa, tão rubra quanto bella, apesar de ser ainda uma creança. Tinha sangue nas petalas de seda... Era a primeira flor do jardim, admirada pelos cravos e jasmins, e alguma vez invejada tambem... Ella adorava o oiro do sol... a azul côr do céo, e as pequeninas gottas de orvalho, que, geladas, cahiam sobre ella como pedaços de prata... Como era bom viver... Ser feliz... E ella cada vez mais bella se tornava... Era quasi mulher... E dali do seu cantinho de jardim, ella apreciava o que pelo mundo se passava... Ella se sentia feliz quando os ultimos raios do sol annunciavam o crepusculo... Eram tambem as joias do céo que ella amava... Tinha sonhos de amor com os cravos e goivos... Como era feliz... Mas veiu um dia em que o sol impiedoso começou a crestar as suas petalas macias... Não attendia ás suas preces, queimava com ardor... Era a velhice que se approximava... Esse sol que havia amado não tinha piedade della... Estavam amarellecendo as suas petalas... E o vento, impetuoso, lh'as arrancava... Pobrezinha... Como a das outras rosas a vida lhe fugia... Vida, tem piedade de mim, não vês que fui a mais bella das rosas deste jardim? Deixa apreciar ainda alvoradas doiradas e crepusculos, os meus crepusculos violeta que eu amava... As gottas de orvalho não attenuam a dor das petalas crestadas... Fogem-me as ultimas petalas... E' o fim, é o fim... Felicidade é sempre o que passou... Adeus, sol, crepusculos, alvoradas... Adeus... Adeus... Não sou mais Rosa...*

ABELARDO MORELOS.

◇

## *FRAGMENTOS DA VIDA*

*Todos nós, fraca ou accentuadamente, conforme o grau de aperfeiçoamento da sensibilidade, sentimos, sem saber como, nem porque, no inicio da vida, uma irresistivel attracção para o romanticismo.*

*A inspiração num manancial de rimas, acompanha-nos por toda a parte, rouba-nos o somno e a tranquillidade. Risonho tempo! Ditosa quadra! Horas de boa illusão, de agradavel recolhimento d'alma no restricto ambito de um aposento, cantando com sinceridade de creança, as primeiras impressões da vida ainda cheia de mysterios!*

*E' a idade da transição das idéas pueris e voluveis do cerebro em formação para um pensar sobrio e profundo no julgamento das coisas! E' a idade encantadora do desabrochar da mocidade! A provei tem-n'a. Ella é tão deliciosa quão passageira! Aproveitem-n'a. A realidade é banal, apenas toleravel por necessidade. E é tão bom prolongar um sonho interessante...*

RENATO FERREIRA.

Na praia do Flamengo

DE JULES LEMAITRE

A' proporção que vou envelhecendo, vae-se-me impondo esta idéa, que é uma vantagem de inestimavel preço possuir, em qualquer parte, um logarejo seu, um logarejo em que se passou a infancia e nunca se deixou de fazer, cada anno, uma longa estadia; onde o aspecto da terra nos é conhecido nos seus menores detalhes, nos é familiar e amigo. O pouco que eu tenho de prudencia, de doçura d'alma e de moderação, devo-o a que, antes de ser um homem de letras (ai de mim!), que exerce a sua profissão em Paris, sou um camponez que tem o seu campanario, a sua casa e a sua lavoura. Porque, nessas condições, o campo é, realmente, o refugio e o asylo. O ar que se respira é um balsamo ás feridas que se trazem de fóra, um infallivel antidoto para os venenos do coração e do espirito.

Na inauguração do *stand* do Fluminense F. C.

"Para todos..." em Caxambu'. Ministro Alfredo Pinto, senhor e senhora Souza Gomes, senhor e senhora Portugal

Foi o passado que nos fez: maldição sobre quem não se interessa por elle, e o despreza! Nada me commove mais do que saber o que foram os meus longinquos antepassados, o que disseram, o que pensaram, o que soffreram, como sonharam o sonho da vida — e encontrar a alma delles na minha. O passado é que dá ao presente o seu valor e fórma o futuro. Pensando no passado, sinto a incomparavel delicia de encontrar, para o meu ser, raizes tão profundas no tempo, e de já ter vivido tanto, antes de ver a luz.

☆

O futuro é só treva e espanto: toda vez que procuro imaginar o que será o mundo dentro de cem annos, dentro de mil annos, saio deste sonho num horrivel mal-estar, com o furor de não saber, o desespero de ter nascido tão cedo, o terror que se avassala de nós em face do desconhecido. Ao contrario, o sonho do passado é cheio de secretos encantos: prolonga a minha vida além do berço, desperta em mim a imaginação pittoresca, e faz-me sentir que o meu coração não é mau. Accrescentae que o estudo do passado é, muitas vezes, uma excellente lição de sabedoria, ensinando-nos suavemente a vaidade das coisas, ao mesmo tempo que nos inspira um grande interesse por essa vaidade.

A OBSCURA SAUDADE

*Não sei se já tiveste assim, um dia, numa hora languescente, como afflicção de uma saudade anciosa, inexprimivel, indefinida... a saudade de uma creatura que passou um instante na tua vida, de uma palavra que ouviste, de um gesto, de uma paisagem em que uma vez demoraste os teus olhos... E' a saudade que a gente tem de todas as vidas obscuras, de tudo o que para nós irrevogavelmente se perdeu... é o fremito de sympathia humana que nos prende a todos os seres e a todas as coisas, na consciencia dos nossos destinos identicamente vários e tristes...* — Leopoldo Peres.

LINGUAS DE PRATA

— Não conheces? E' o Artaxerxes. Gosta muito de franguinhas.
— Mas aquella senhora já tem duas vezes trinta.
— As apparencias illudem, meu velho. Parece que tem sessenta, mas tem... tres filhas notaveis.

Delegação dos Estados Unidos da America
Exposição do Centenario do Brasil
Rio de Janeiro 1922

Endereço Telegraphico "Comgen"

Snr Director da S. A. "O Malho"

You have asked for my impressions regarding your printing and publishing plant and I gladly comply with your request.

I was astonished to learn that there existed a plant of such scope and magnitude in Brazil. I question very much whether any publishing house in the world has undertaken or carried so far toward success, a more ambitious program.

I shall not undertake to go into detail regarding your equipment; it is sufficient to say that I have been more or less familiar with the printing and publishing business for many years and have never seen a finer "lay out" than that which you have built up.

The character and qualifications of the personnel which you have gathered together make it easier to understand your remarkable success.

I cannot remember having spent a more pleasant or instructive morning.

D C Collier

Commissioner General of the United States of America at the Brazilian Centennial Exposition

April 23, 1923

**Traducção desta carta que tanto nos orgulhou:**

Sr. Director da S. A. "O Malho". Deseja V. conhecer as minhas impressões com respeito ás suas officinas de artes graphicas e editoriaes, e é com immenso prazer que me desempenho do seu pedido. Fiquei admirado de conhecer a existencia de installações tão amplas e importantes no Brasil. Duvido muito que qualquer casa de publicações no mundo tenha tentado ou obtido tão estrondoso successo, com um programma tão vasto. Não tento pormenorisar o que se refere ao seu apparelhamento; é sufficiente saber que estou algo familiarisado com officinas graphicas e ramo de publicações, de ha muitos annos, e nunca vi uma tão perfeita disposição technica como observei nas suas bem installadas officinas. A distincção e competencia do pessoal de que se rodeou muito concorreram para a obtenção do seu notavel successo. Não me posso lembrar de jámais ter passado um dia tão agradavel e instructivo.

**D. C. Collier**

Commissario Geral dos Estados Unidos da America junto á Exposição do Centenario da Independencia do Brasil.
23 de Abril de 1923.

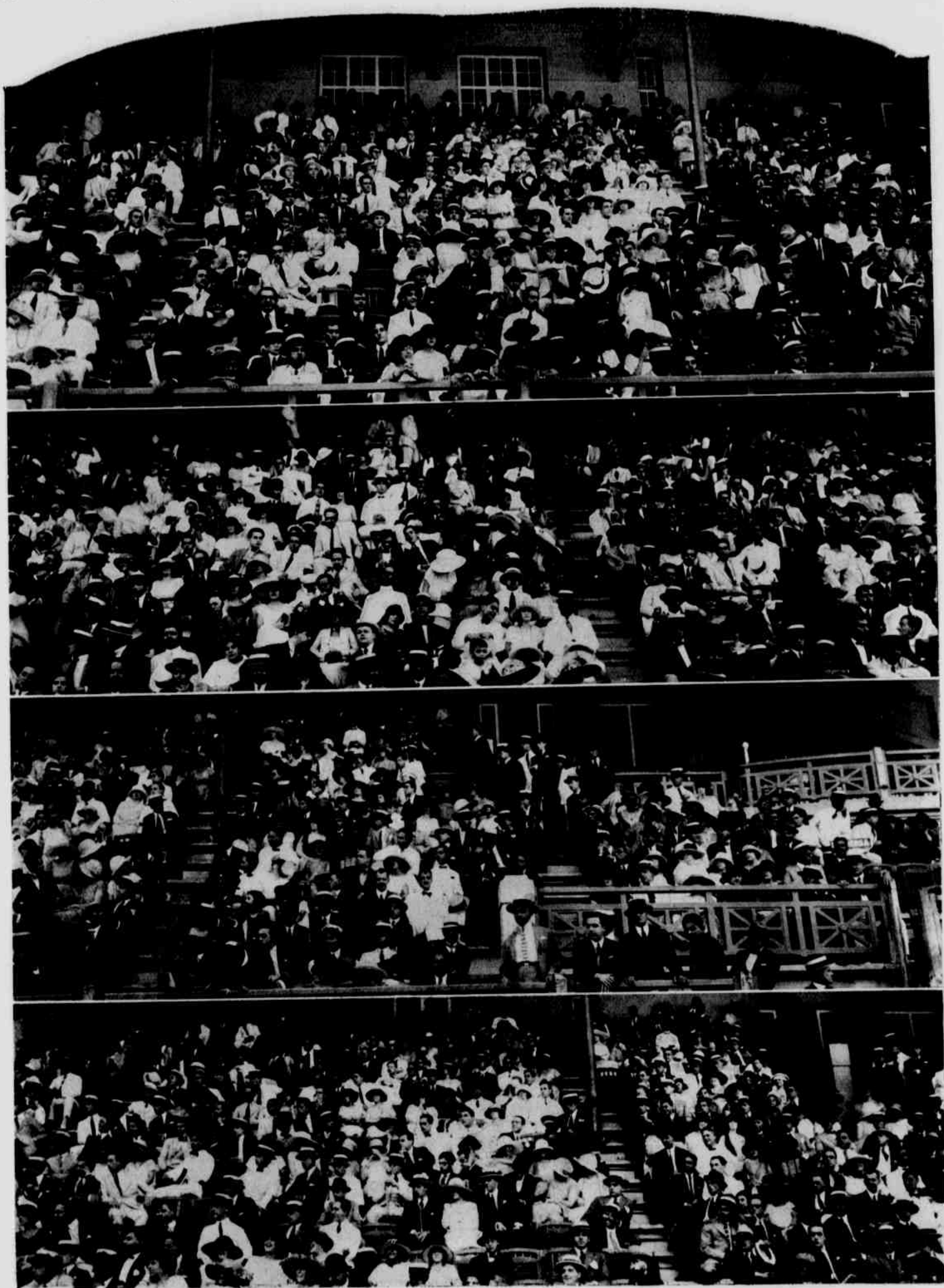
## QU'EST-CE QUE C'EST QUE ÇA ?

*Era nos meus tempos de estudante, em S. Paulo, naquelles annos doirados e cheios de vibração, pouco afastados ainda, mas que me produzem a impressão de o estarem muito pela profunda differença entre a despreoccupada alegria de então e o longo desencanto dos meus dias de agora... Era em S. Paulo, cidade propicia, entre todas, ao Sonho; ambiente em que parece ainda viver, só perceptivel ás almas delicadas, a recordação de uma epoca de aristocratico esplendor, capaz de inspirar a Henri de Régnier, o poeta de Versailles, mais dois ou tres sonetos impeccaveis. Anoitecia. Uma garoa incansavel baixava do ceu, sem uma estrella. E a bruma, envolvendo a cidade, lembrava a cabelleira empoada duma marquezinha do seculo XVIII, prompta para o baile. E além da noite, e da garoa, e da bruma, havia ainda, para augmentar a minha solidão, e saturar-me de tedio e de melancolia, o frio, um frio humido, que parecia entrar pela pelle. Para onde ia? Nem me lembro mais. Só sei que se me offereceu a porta de um cinema, e que entrei. Entrei, e fui procurar um assento, com a sala ás escuras. Na tela, movia-se a cabeça da velha Sarah, com o seu horrivel e sympathico sorriso. A grande tragica distribuia cigarros aos "poilus", nas trincheiras. Junto a mim, vieram sentar-se dois francezes — burguezes de uma elegancia "guindée" — entrando logo a trocar rapidos commentarios sobre o que se passava na tela. Um delles acabou por implicar com aquella mulher, a que tanta importancia dava o "Pathé-Journal", e perguntou ao outro: — "Qu'est-ce que c'est que ça?" — "Mais tu sais pas?" — diz o outro. "Ça, c'est Sarah Bernhardt..." Dirá o leitor: "Sic transit gloria mundi!" Essa mulher fez chorar Victor Hugo; creou "Athalie", "Theodora", "L'Aiglon"; dominou o mundo: foi o idolo da sua patria, a tal ponto que até os mais crueis ironistas sempre a respeitaram — e tudo isto apenas para ser um bello dia reduzida a uma coisa: ça... Mas eu não penso assim: quantos de nós passarão pela vida, terão vivido todos os dias que lhes foram destinados, sem nunca terem merecido esse rapido movimento de interesse e de curiosidade: "qu'est-ce que c'est que ça?"*

GIL MENDES.

A notavel pianista patricia Nair de Carvalho Medeiros, primeiro premio do Conservatorio de São Paulo e que parte este mez para a Europa, onde se vae aperfeiçoar na sua arte sublime, a expensas do governo de Minas Geraes, seu Estado natal.

## A MORTE DE UM MUNDO

*Sabem os leitores que ha pouco se deu uma catastrophe no ceu? Pois assim é. A estrella Beta, da Baleia, incendiou-se bruscamente, torrando os varios planetas que a rodeiavam... de perto. Os leitores sabem que o "perto", lá pelo mundo das estrellas, é de uma relatividade vertiginosa. Isso, porém, não impedia que a Beta pegasse fogo á visinhança. E' o eterno perigo de se viver á "sombra" dos grandes'*

A TEMPORADA DE FOOT-BALL DESTE ANNO

Instantaneos da assistencia numerosa que torceu, domingo, no *stadium*, durante o encontro do Fluminense com o Botafogo, terminado pela victoria deste ultimo.

# Ba-ta-clan

## COMMENTARIOS

*A' porta do "Bazin". — Que lindo dia !*
*Eu sou louquinha por perfumaria...*

*"L'or de Coty" pr'a mim, e pr'a você ?*
*— Eu gosto é de "Mouchoir de Monsieur".*

*Louvo-lhe o gosto rafinado e "chic".*
*Eu usava era aquelle... "Pourpre antique".*

*Excitante demais. Passei momentos*
*De verdadeiros arrebatamentos...*

*— Foste á festa das Campos, quinta-feira?*
*— Fui e dansei quasi que a noite inteira.*

*— E você, Austrogilimo, não dansa ?*
*— Bonito ! Que pergunta de creança !*

*Danso todas as dansas de pinote.*
*Se sou primeiro premio de "fox-trot" !*

*Póde dizer que escrevo mal, menino,*
*Mas não diga que sou mau bailarino.*

*Não me quer ver dansar ? (São umas bestas...)*
*Pois vá domingo ao Pavilhão das Festas...*

*Pago dez "paus", mas goso o meu pedaço...*
*— O movimento está ficando escasso...*

*— Que é feito do pessoal que gosa a vida ?*
*A Iracema onde está ? — Anda sumida...*

*Eu vou na quarta-feira, ás dez e meia,*
*A' casa das Bandeiras de Gouvêa,*

*Gosar um pouco a boa convivencia...*
*— Levas o Helios comtigo ? — Que [imprudencia...*

*O Helios é louco. Apanha de um cho- [calho*
*E vira tudo em frege... — O' seu [Carvalho,*

*Você já leu o "Ban-ban-ban" do Ores- [tes ?*
*Que interessante que é ! — São umas [pestes*

*Aquellas bataclans... — Que creaturas...*
*Pintam as pernas como saracuras...*

*— Como está bem o Polycarpo Landy ?*
*— Ganhou a Loteria do Rio Grande,*

*Installou-se na vida... — E tem ca- [vallos*
*E automoveis e mulas e vassalos.*

*— E que boa pequena arranjou elle !*
*Mas está se acabando... E' osso e [pelle...*

*— Foste á festa do Luiz ? Foi um [successo...*

*— Que aldeia grande o Rio ! o retro- [cesso*

*Da civilisação ! Como se fala*
*Da vida alheia, Deus do ceu ! — Na sala*

*De espera do "Palais", vi um namoro*
*Que passou os limites do decôro:*

*Ella pallida e triste. Elle atrevido,*
*Correndo a mão nos fólhos do vestido...*

*E dizendo palavras em surdina...*
*— Moço infeliz ! — Coitada da menina !*

*— Quem é aquelle rubro ? — E' o Marchesini.*
*Diplomata amador... — Corre, previne*

*A' musica allemã... Soltar foguetes !*
*E' o homem que anda a receber banquetes.*

*Celebridade ! custas alto preço !*
*E' notavel ? — Que pena, eu não conheço...*

*Nem quero... E a mesma vida continúa...*
*As mesmas caras pela mesma rua.*

*As moças á procura dos rapazes,*
*Dizendo eternamente as mesma phrases*

*Com os mesmos gestos... Que semsaboria !*
*Que "spleen", que tedio, que neurasthenia !*

JOÃO DA AVENIDA.

Nas nossas officinas — O Sr. Dr. Medeiros e Albuquerque, insigne homem de letras e jornalista, director do Departamento Estrangeiro da Exposição Internacional do Centenario, entre companheiros de trabalho desta empreza.

# Comedias e Comediantes

O NU NO THEATRO — *Sobre a palpitante questão levantada em Paris, a proposito da exhibição de artistas, bailarinas e coristas nos trajes de Adão e Eva, antes do peccado original, a commissão de magistrados, nomeada para estudar a repressão do escandalo, opinou que "os culpados de ultraje á moral são aquelles que se mostram nus" e que os autores e emprezarios devem ser considerados como cumplices do attentado.*

■ *Está em Riga, fazendo um verdadeiro furor, a formosa e celebre actriz russa Roschina-Insarova, do ex-theatro Imperial Alexandrino de Petrogrado. A moderna geração de dramaturgos escreveu para ella o mais copioso e eclectico repertorio, o que não impede que a brilhante artista represente as peças de Bataille, Bernstein, Sardou, Dumas e o theatro classico russo.*

■ *Miss Edna Saint-Vincent Millay é uma das figuras litterarias da moderna pleiade americana. Poetisa de valor, tem tambem escripto para o theatro com successo. A sua ultima peça "Aria da Capo", agradou muito no theatro de la Licorne, em New York.*

■ *No Stadium, de Torino, um dos mais vastos amphitheatros da Italia, deu-se em Abril um grande espectaculo de arte sacra. Representou a Paixão de Jesus Christo, de modo a eclipsar os curiosissimos espectaculos religiosos de Oberammergau. Uma multidão composta de dois mil figurantes evoluiu num palco de oito mil metros quadrados, onde estavam reconstituidos os logares santos da Palestina. A Polyphonica, de Roma, commentou com cantos liturgicos executados por quinhentas vozes a dolorosa tragedia do Calvario.*

■ *O theatro municipal de Wiesbaden, Koeniglische Hoftheater, quasi foi destruido por um incendio nos ultimos dias de Março. Inaugurado em 1896 e dotado de tudo quanto ha de mais moderno em machinismos theatraes, o Koeniglische era um dos mais bellos e mais luxuosos theatros da Allemanha. As obras de Wagner eram ali executadas com rara perfeição, sendo de notar a excellencia da orchestra. Quando se declarou o incendio acabava de se cantar a opera de Wagner "Rienzi". Não houve victimas, mas os prejuizos são formidaveis.*

Celeste Reis, *estrella do São José, na Commere de Meia Noite e Trinta, que ella embelleza* com a sua presença e a sua linda voz.

CÁ POR CASA — *O theatro da ponta é o S. José, depois que montou "A Meia Noite e Trinta", do Luiz Peixoto. A interessante revista tem attrahido ao S. José a nossa melhor sociedade.*

■ *Fritz e Frotz estão de parabens. "Olha á direita!" é uma revista espirituosa e alegre. Vae fazer larga carreira.*

■ *A nossa Avenida conta mais uma "boite". O cinema Central, inaugurou o palco com uma companhia de comedias organisada por Christiano de Souza, e da qual é "estrella" a graciosa actriz Iracema de Alencar.*

■ *Anda muita gente intrigada com a resolução da Commissão Julgadora do Theatro Municipal, que supprimiu as "Demi-Vierges" de Marcel Prévost, do repertorio de Gabrielle Dorziat. Estamos já a ver a companhia, na sua volta de S. Paulo, ir representar a interessante comedia no velho theatro Lyrico.*

*Esta censura é para parodiar o caso da "Garçonne" de Victor Margueritte?*

*Uma tal preoccupação de moral começa a cansar a paciencia do publico... e especialmente dos assignantes do Municipal.*

■ *E por falar nos assignantes do sumptuoso monumento da Avenida: ainda não está resolvido o caso da companhia lyrica official, mas é quasi certo que a teremos em Setembro... no Lyrico?*

ZE', FISCAL.

Em Jacarépaguá, na festa de anniversario da Casa dos Artistas

*ções mais tensas e de uma "violencia asiatica".*

■ *Guitry preparava-se em seu camarim para entrar em scena, quando, pela vigesima vez, um maçante se apresentou á porta, convidando-o para almoçar no dia seguinte. O actor não teve remedio senão compromettcr-se com o homemzinho. Retirando-se este, volta-se Guitry para seu secretario e ordena:*

*—Telephonarás amanhã cedo a este imbecil, dizendo-lhe que peço desculpas por não comparecer, visto que tenho um negocio urgente.*

*O importuno, emquanto Guitry assim falava, era de volta ao camarim, onde esquecera a bengala. Ouviu tudo, e parou estupefacto.*

*E Guitry, sem pestanejar, continuou a falar ao seu secretario:*

*—Sim... explicarás a esse imbecil que não me é possivel... porque amanhã almoço com este senhor...*

LUIZ

Itala Ferreira, do Trianon

*(Portrait-charge de Luiz)*

■ *A ultima opereta de Franz Lehar*, O caften amarello, *foi levada á scena em Vienna com um relativo successo. A acção desenvolve-se na Turquia.*

■ *As peças que ultimamente se representaram em Paris: no Vaudeville,* Um dia de loucura, *comedia em 3 actos, de A. Birabeau; no Theatro Michel,* En bombe *(na parodia), comedia burlesca em 3 actos, de H. Kistmaechers; no Antoine,* O somno dos amantes, *peça em 4 actos, de Martial Piechaud; no Capucines,* Por que me fizeste isso?, *comedia em 3 actos, de Yves de Miranda e G. Quinson; no Moulin Bleu,* O cinto de castidade, *opereta em 3 actos, de Claude Roland e Nazelles, musica de A. Chaubrier; no Folies Bergeres,* Em pleno delirio, *revista em 2 actos, de Lemarchand e no Ba-Ta-Clan,* Boa noite!, *revista em 2 actos, de Ferreol, Bérys e Dolley.*

■ *Na* Komoedie, *de Berlim, um critico lamenta a invasão da russomania que ameaça os alicerces das tradições theatraes allemãs e austriacas. O alludido escriptor reconhece o valor das peças de um Andreief ou de um Tschisikow, mas pensa que o temperamento dos artistas berlinenses ou viennenses não se adapta muito bem á expressão dos sentimentos extremos das personagens russas, mórmente a mascara nas situa-*

■ *Chegou a vez de Fritz e o Frotz levarem pau dos officiaes do mesmo officio,* Olha á direita! *e é marretada na certa.*

■ *O Paulo de Magalhães abriu uma assignatura de pancadaria nas costellas* del valiente *Reis Perdigão, vulgo João de Talma. Lá diz o rifão: quem semeia ventos colhe tempestades. O homemzinho já apanhou duas vezes.*

Pepita de Abreu, do São José, na *Caricatura*, da revista *Meia Noite e Trinta.*

# Terra Carioca

## A egreja da Candelaria

O historico da egreja de Nossa Senhora da Candelaria é o mais emocionante de todos os dos outros templos da cidade. Um documento curioso, sobre a origem do sumptuoso templo de hoje, nos ensina a sua fundação em tempos remotissimos, calcada na virtude e na fé.

O documento referido acha-se publicado no "Sanctuario Mariano" de frei Agostinho de Santa Maria: "Antonio Martins de Palma, capitão de uma nau, e sua mulher Leonor Gonçalves navegavam para as Indias de Hespanha, e na volta lhes deu um temporal tão forte que iam dando com a nau num rochedo. Vendo-se em tão grande perigo, lembrados dos milagres e maravilhas que Deus obrara pela imagem de "Nossa Senhora da Candelaria" na ilha de Palma, sua terra natal, recorreram aos seus poderes, pedindo-lhe o seu favor em perigo tão evidente, e que se delle os livrasse, lhe promettiam que, na primeira terra onde aportassem, lhe edificariam uma egreja de sua invocação. Permittiu Deus (alcançando-lhe a misericordiosa Senhora, que queria por aquelle meio favorecer tambem os moradores do Rio de Janeiro) que o primeiro porto a que chegaram fosse a cidade de S. Sebastião, onde fizeram sua habitação, sem quererem mais tratar de viajar.

Assim, em cumprimento de seu voto, fundaram em terras proprias e dedicaram á "Senhora da Candelaria" a egreja, que mais tarde foi designada parochia."

O presente documento é o ponto de partida para tudo sobre a sumptuosa egreja.

José Victorino de Souza, no precioso trabalho sobre a egreja, confessa a deficiencia de documentos authenticos nos archivos da Irmandade, e dá credito a semelhante acontecimento, baseado no saque soffrido pela egreja em 1711, por occasião da invasão da divisão Duclerc.

Não fosse o testemunho de monsenhor Pizarro, expresso nas suas "Memorias historicas", facil seria aos incréos acreditar lendarias as individualidades primaciaes da fundação do templo. Do historiador são as palavras seguintes: "(1) Não consta, que pelos prelados proximamente referidos se fundasse Parochia alguma, á excepção da erigida na capella de Nossa Senhora da Candelaria, cujos principios se deveram a Antonio Martins de

Egreja de Nossa Senhora da Candelaria

Palma, natural da ilha do mesmo appellido, e á sua mulher Leonor Gonçalves, por fundadores do templo. Navegando estes em volta das Indias de Hespanha, um tormentoso temporal poz em grande perigo a nau de que Palma era capitão, e as vidas de todos os navegantes: e recorrendo ambos á Mãe de Deus, sob o titulo de Candelaria, a quem veneravam collocada na sua patria, e semelhante á outra apparecida na ilha de Teneriffe, em 2 de Fevereiro de 1400, prometteram perpetuar a memoria da sua protecção maravilhosa na primeira terra onde aportassem salvos do naufragio, edificando um templo á sua invocação. Ouvida a supplica, e conseguido o livramento, felizmente aferrou a nau no fundo do Rio de Janeiro: o Voto se cumpriu, erigindo-se o edificio, que a tão especial Protectora foi dedicado."

A fundação da egreja data de 1630, sendo governador Martim de Sá; a fachada principal dava para a rua de S. Pedro, na epoca chamada do Antonio Vaz Viçoso, nome conservado até 1705.

Foi a egreja da Candelaria a terceira construida na varzea que se estendia da lagôa do Boqueirão (2), e antiga Valla (3) até ao mar; nesse logar existiam as capellas de Nossa Senhora do Desterro (do Bom Successo, segundo monsenhor Pizarro), e a de Nossa Senhora da Ajuda.

Para distinguil-a da antiga egreja de S. Sebastião (morro do Castello), foi pela população denominada egreja da Varzea.

Tempos depois sobreveiu a idéa da divisão da Parochia de S. Sebastião em duas, creando-se na varzea a Parochia da Candelaria com séde na egreja fundada pelo casal Palma. Não concordaram elles, porém, com a idéa; a despeito dos seus protestos foi a nova Parochia creada. Muitos desgostos causou a deliberação, e como protesto offereceram, Palma e sua mulher Leonor, a sua egreja á Santa Casa da Misericordia.

A doação tornou-se official em 4 de Julho de 1639, conforme escriptura existente.

A população affluiu á nova Parochia e instituiu o culto do Santissimo Sacramento; na mesma occasião foi creada a Irmandade do Santissimo Sacramento da Candelaria, a qual teve confirmação legal em 1699.

---

(1) Tomo II, pag. 226.

(2) Onde hoje está o Passeio Publico.

(3) Hoje rua da Uruguayana.

*Em "Memoria historica", escripta pelo Dr. A. de Paula Freitas, encontra-se detalhadamente descripta a serie de dissenções havidas pela questão da "Parochia"; entre a grande copia de informações sobre o assumpto destacamos o seguinte trecho: "Apezar de filiada a egreja á Santa Casa da Misericordia, a Parochia procurou sempre desligar-se della. Desde o principio o primeiro vigario collado da Parochia, padre João Manoel de Mello, não acceitara a autoridade da Santa Casa, e procurou desempossal-a, conseguindo depois de longa acção judiciaria uma composição em que a Santa Casa desistia dos seus direitos sobre a egreja, mas ficava ainda com a serventia de um terreno do lado da rua de S. Pedro, para alli construir um oratorio e casa destinada a guardar as tumbas e bandeiras, recolher as procissões, e a outros fins de egual ou menor importancia, lavrando-se para isso uma escriptura em 25 de Setembro de 1625."*

*Em 1710, a Irmandade, auxiliada pelos parochianos, tratou de reconstruir a egreja em virtude do mau estado em que ella se encontrava, e por já ser pequena para conter os fieis; dessa reforma data a construcção da fachada para a antiga rua Direita da Candelaria.*

*Em 1768, novamente ameaçava ruir a egreja, chegando mesmo a afugentar os fieis dos officios divinos.*

*Longas* démarches *soffreram as deliberações para a reedificação do novo templo. A 6 de Junho de 1775 com a presença do vice-rei D. Luiz de Almeida Portugal Soares, Alarcão Eça Mello Silva e Mascarenhas, marquez do Lavradio, corpos ecclesiasticos, civis e militares, bispo da Diocese, na epoca, tambem provedor da Irmandade do Santissimo Sacramento e mais autoridades, procedeu-se á benção e*

Interior do templo da Candelaria

*sagração da pedra fundamental da nova egreja. Uma circumstancia curiosa impediu, porém, que a pedra ficasse nas fundações do novo templo. Não ha explicação plausivel para tal acontecimento, a dar credito em documentos impressos citados por Paula Freitas na sua interessante "memoria".*

*Ao sargento-mór de Portugal, engenheiro Francisco João Rocio, devem-se os planos da nova egreja; modificações foram introduzidas no seu conjuncto, porém, na essencia o projecto é daquelle engenheiro. A prova disso é encontrada nas expressões do provedor capitão Elias Antonio Lopes, em uma sessão da Mesa Administrativa no anno de 1804.*

*Apezar das sérias difficuldades e contrariedades a cada passo advindas, a Irmandade num esforço herculeo, proseguiu no andamento das obras, abrindo ao culto a egreja em parte, no dia 14 de Setembro de 1811. As obras proseguiram cheias de peripecias, principalmente na parte que diz respeito á cupula, a qual por si só dava materia para muitas paginas!*

*Em 10 de Julho de 1898 foi inaugurada a egreja, completamente prompta e resplandecente de belleza, graças ao valor do engenheiro Dr. Antonio de Paula Freitas, o ultimo a dirigir tão importante obra.*

*Sobre as obras de arte existentes no sumptuoso templo, alguma coisa diremos no proximo numero, podendo assim os leitores avaliar o merecimento dos seus autores, principalmente de João Zeferino da Costa, o "Mestre dos mestres".*

Maio — 1923.

ERCOLE CREMONA.

"Para todos..." em São Paulo. Enlace Marina de Campos Salles — Dr. Theophilo Nobrega.

Na ultima recepção do Sr. Embaixador da Belgica

## SI...

*1º de Janeiro. Ha sempre em mim, nesta data, o desejo de começar um diario, qualquer coisa differente da memoria, que diga de mim a mim mesmo. Começo-o sempre, mas nunca o continuei. Por que? Um gesto de hombros. Não sei. Meu passado é grande, quasi tão grande como o passado dos meus olhos... que viram outros passados... Verdade é que tenho trinta annos bem vividos, mal vividos, com certeza.*

*Trinta annos... Nunca me queixei da vida. Queixar-me della é uma puerilidade, que me não permitto. Ás vezes, é verdade, deante dos espelhos (tenho o habito de conversar commigo deante dos espelhos) eu digo, olhando a minha figura: — "Si tu tivesses, naquella noite, optado pela fuga..." — "Si aquella mulher não se encontrasse em teu caminho..." — "Si tivesses nascido mulher... chinez... cavallo de raça... cão de regalo..." — "Si..." Sim. Devia ser differente, com certeza seria differente. Ponho-me então a sonhar como seria eu sob outra fórma, em outra hora, adiantada ou atrazada no tempo, com ou sem determinadas creaturas. Differente, differente com certeza...*

Senhorinha Josephina Meinel, sobrinha do Sr. J. V. Pontes, livreiro em São Paulo

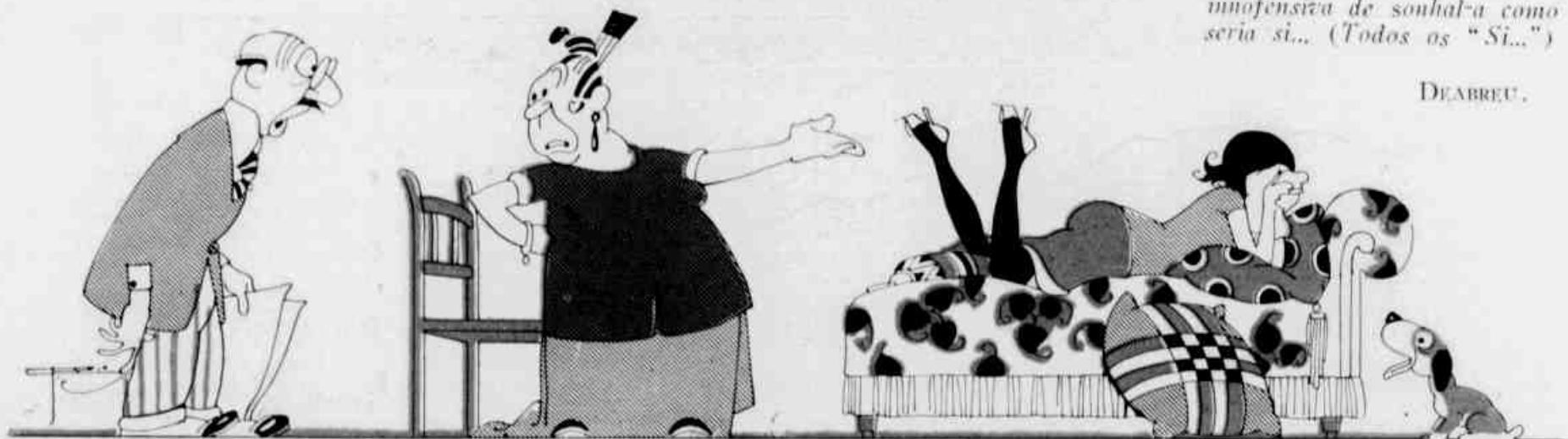
*Mas não me queixo da vida como foi ou como é, como não me queixaria, talvez, si ella fosse diversa, differente. Os meus "Si..." são apenas sentimentalismos inoffensivos da fantasia.*

*Si vezes ha em que me sahiram palavras ou gestos de piedade, de tedio ou de ironia sobre mim mesmo, sobre os outros, sobre o mundo, não vão nelles uma amargura irreparavel contra a vida. Elles são commentarios e da vida, naturaes como eu, a minha mania dos "Si...", a intolerancia infantil dos homens e aquella divina Thereza de Anatole.*

*Trinta annos... Edade das philosophias, da plenitude tranquilla, dos amores philosophos. A vida é apenas a vida, sem adjectivos dithyrambicos e sem maldições inuteis.*

*Eu nunca soube bem o que viesse a ser philosophia, e tenho trinta annos, viajei a vida através das terras, dos livros, de minha alma e de algumas almas. E ha gente, até mulheres, que sabem o que ella seja.*

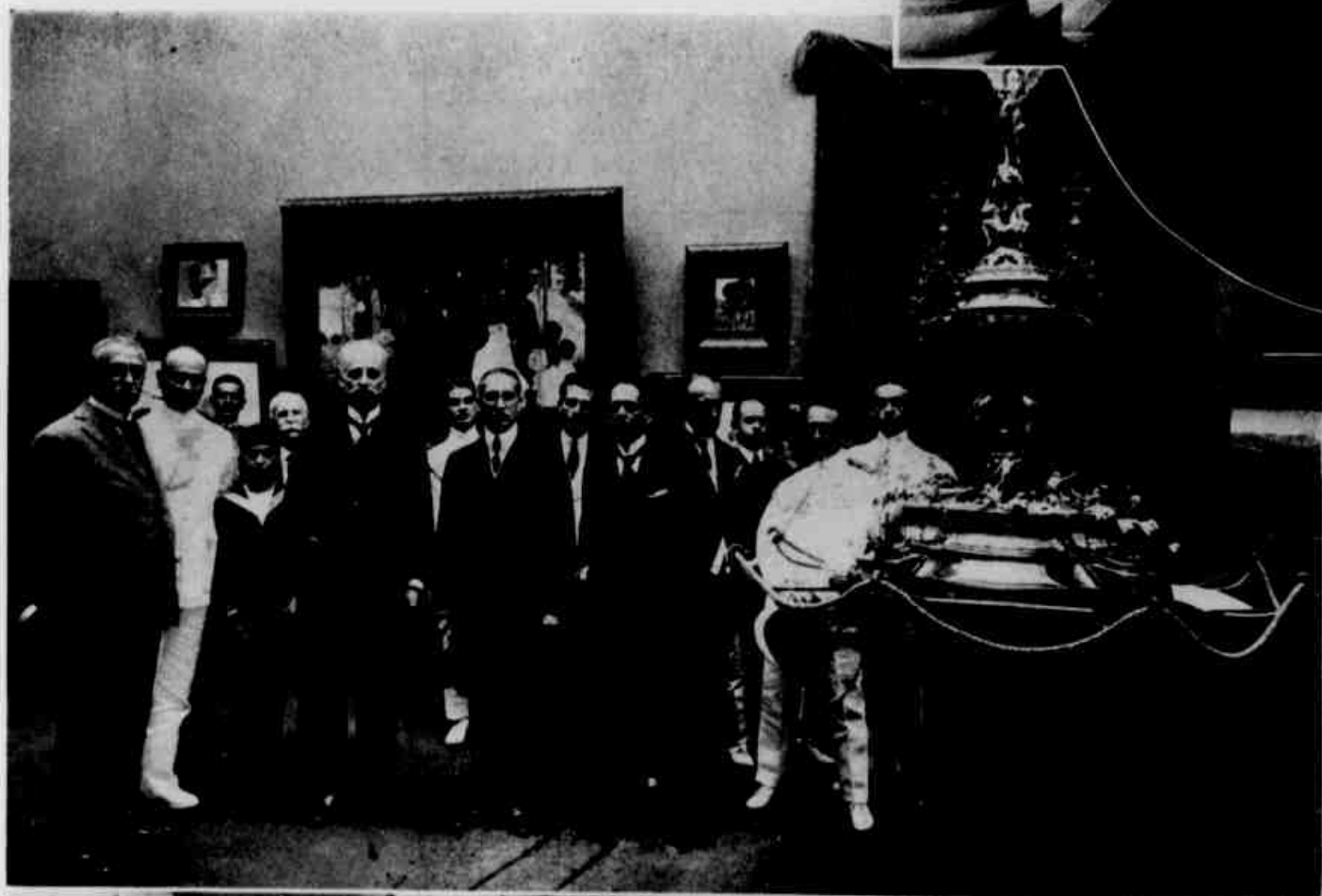
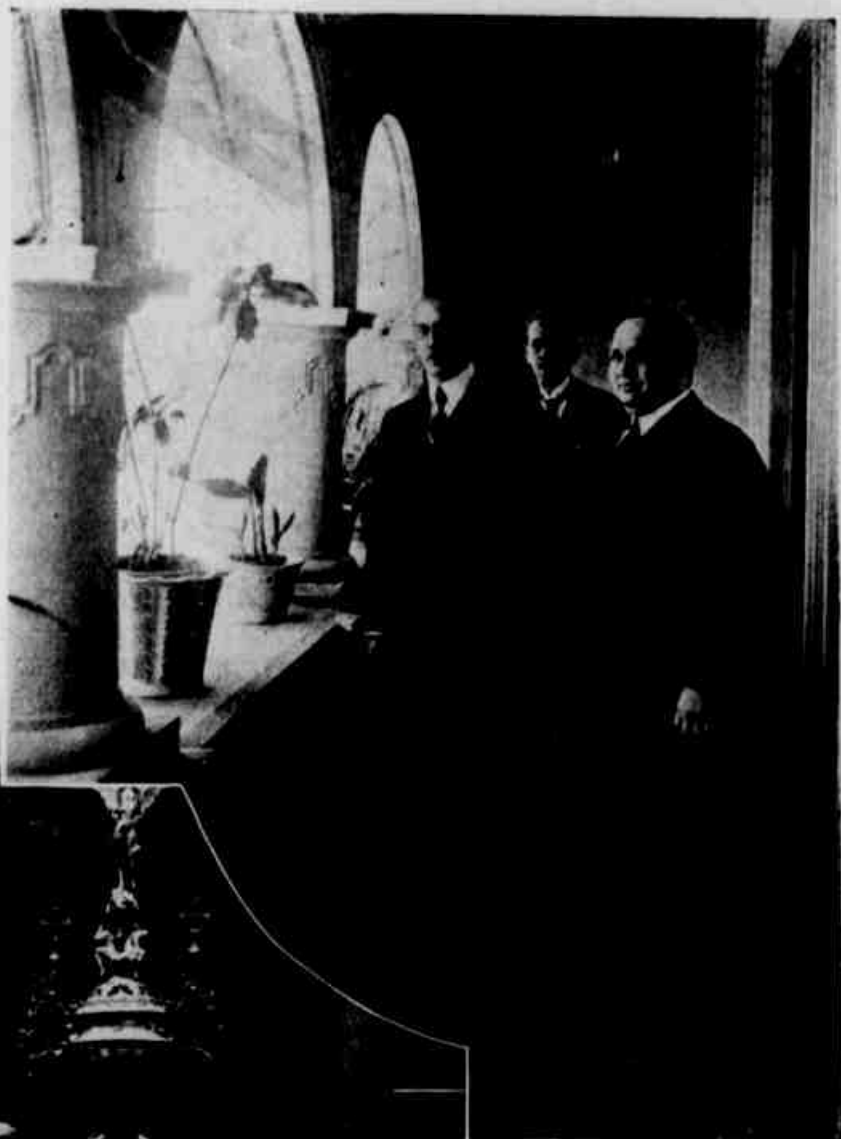
*Philosophia deve ser, não o affirmo para os outros, a maneira de cada creatura, fera, pedra ou mulher, julgar e sentir a vida. Para mim, é assim, assim e mais a doçura de olhal-a sem magoa, soffrel-a, supportal-a, gosal-a... Dentro disso tudo, a volupia innofensiva de sonhal-a como seria si... (Todos os "Si...")*

DEABREU.

SORVETE, YAYÁ!

— Mas que é isso?

— Está furiosa. Deu um retrato ao Alfredo que o poz em pedaços. O sorveteiro apanhou-os, recompoz a photographia e collou-a na sorveteira.

## NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENARIO

Instantaneos da visita do Sr. Presidente da Republica aos pavilhões de honra do Mexico e de Portugal. Na photographia do centro, S. Ex. está ao lado esquerdo do Sr. Embaixador Duarte Leite; em cima, e em baixo, o Sr. Presidente, o Embaixador Torre Diaz e o Ministro da Justiça, Dr. João Luiz Alves, e os representantes do governo na Exposição, que tambem se vêem no pavilhão portuguez: Drs. Antonio Olynto, Delphim Carlos, Medeiros e Albuquerque, com o chefe da Casa Militar.

*Hoje e sempre, grandes attracções. Illuminação deslumbrante. Musica, variedades, diversões infantis.*

*Os pavilhões nacionaes e estrangeiros acham-se abertos desde as 10 horas da manhã, podendo ser visitados até ás 18 horas, excepção feita dos pavilhões dos Estados Unidos, da Inglaterra e da Argentina, que se conservarão abertos tambem á noite.*

*A entrada é gratuita para a visita ás secções industriaes da praça Mauá, onde o publico terá occasião de conhecer os mais modernos machinismos e os melhores productos fabris dos paizes representados no grande certamen.*

*No pavilhão americano da Avenida das Nações funccionará, diariamente, das 10 da manhã ás 9 da noite, um cinematographo interessantissimo e gratuito. Os pavilhões nacionaes estão franqueados ao publico, nos dias uteis, das 10 ás 18 horas, e aos domingos e feriados, das 12 ás 20 horas.*

# Cinema Para todos...

## Chronica

### GLENN HUNTER, O SATYRISTA DA TELA

*Na sua secção dominical de letras e theatros, publicou recentemente o "New York Times", sob o titulo de "America, aqui estamos!" certa argumentação para provar que, se os Estados Unidos procuram forrar-se ao embrulho europeu, quer no seu aspecto politico, quer no economico, não podem, entretanto, evadir-se, pelo menos na sua maior metropole, á influencia do velho mundo em tudo que se prende aos seus palcos e scenas. As peças de maior exito, agora, não são americanas, "U. R. U." "The World we live in", "Chauve Souris". Se os interpretes são do paiz, o entrecho, senão a scena, vem sempre de fóra. Um Barrymore faz-se de "Hamlet", numa interpretação que divide, aliás, os criticos em dois campos. Ruth Chatterton e A. H. Woods representam Bataille na "Tendresse" e no "L'Enfant de l'amour". A Allemanha, a Austria, vingam Coblentz sob a bandeira estrellada quando, na Opera House, Jeritza, chegada hontem e já consagrada, alvoroça a assistencia a cada som de sua garganta, ou, ainda, quando o Guild Theatre interpreta Mass Mensch, obra de estofa além do Rheno.*

*Se isto de facto acontece, explica-se de um lado pela nossa tendencia natural em conhecer e louvar sempre o que pertence ao visinho, e, de outro, pela composição cosmopolita de New York. Cerca de 40 °|° de seus habitantes têm sangue estrangeiro e quasi 15 °|° da população estrangeira dos Estados Unidos nella reside. Não foi em vão que Waldo Franck, naquelle seu bizarro volume "Our America", a chamou de cidade de transição entre o paiz e a invasão transoceanica.*

GLENN HUNTER AO NATURAL

*E' com especial deleite, pois, que a gente aqui procuraria ver, montado, escripto e representado por americanos, o theatro de New York, se o conto de H. J. Brock, no citado "New York Times", não fosse bem um paradoxo. A verdade é que o palco é aqui, fundamentalmente e na sua maioria, americano. A este respeito, não será demais saber que só em casas de primeira ordem New York possue 51 theatros, e que se os contarmos todos, desde o cinema até o lyrico, chegaremos perto da casa dos mil. A assistencia diaria, vespertina e nocturna, calcula-se em perto de um bilhão de almas.*

*Neste inicio de inverno, quando se abre a estação para todas suas galas, duas peças se sobrelevam pela indole puramente americana e o impeccavel desenlace. São "The awful truth", no Henri Miller Theatre, e "Merton of the movies", no Cort. E' a primeira uma historia genuina do léste, como aqui se diz, em que a frivola apparencia de uma dona se entremeia de uns toques de provincianismo do centro, personalisado num "oilman" de Oklahoma. E' aquella Ina Claire, figura de realce na constellação theatral americana, celebre pela representação, durante dois annos successivos, de "Gold Diggers", mixto de graça latina e temperamento saxão, que conheci de volta da Europa, no convez do "Paris", quando os cuidados de uma pleurisia na Suissa a envolviam, naquelle fim de estio, de lãs e pelliças.*

*Na segunda, corre o desempenho sob a chefia artistica de Glenn Hunter, já nome de tomo no cinema e, no palco, estrella que desponta. Merton é um rapazola de provincia, cheio de illusões sobre o cinema e cujo coração arfa num repente sempre que, na sua villa de Illinois, lhe passa pelos olhos essa deusa da tela muda, Beulah Baxter, divina como a virgem e pura como os proprios anjos. Elle vende fazendas e ferragens, de dia, no seu balcão, dialogando de noite, a deshoras, com os manequins do armazem. E' num desses ensaios de dicção, que o surprehende o patrão, homem burguez, que não comprehende aquelle pendor e para quem o rapaz, com suas maneiras esquivas dos ultimos tempos, perdera a razão. O resultado já se adivinha. Merton despede-se, e, nos bolsos a magra economia de alguns mezes, parte para a Mecca dos seus sonhos, essa Hollywood de estrellas e studios. Ali, escoam-se, porém, os dias, e já não tem o que comer. A vida interior do cinema apparece-lhe com toda sua tragica realidade, — a competição pequenina, o esforço para derrubar o companheiro, a ancia de chegar a todo o transe, a vulgaridade dos artistas, a grosseria dos directores, a artificialidade das emoções, um mundo, emfim, de penas e miserias. Beulah, essa trocava insultos com o marido, comparsa como ella na mesma historia, como dois tunantes vulgares. Apanhado por um favor do destino num lote de "extras", tentou Merton a tragedia, num papel infimo, quasi de famulo, e para logo o dispensaram como incapaz. Suas maneiras toscas, sua ingenuidade nativa, o desconhecimento que tinha daquelle meio o iam levando incuravelmente a uma amarga philosophia da vida, quando lhe surgiu a sorte pela mão de uma companheira, já affeita aos vae-vens da carreira, uma dessas humildes creaturas do nada, que sentem com finura e vêem onde não enxergam os mais dotados. Florence Nash antevê o thesouro de farça humana naquelle provinciano esquerdo. Architecta uma conspiração e, ao cahir o panno, elle já é um comediante a caminho da gloria, a cujos gestos, na primeira fita ensaiada, ri a cidade inteira, de sol a sol. Detestando a comedia, Merton ia ser della o mais completo artifice contemporaneo. Assim a vida, nos seus caprichosos designios. Como estamos longe do caixeiro de Simsbury, aquelle desdem pela farça, aquelle amor da tragedia, só ella capaz de sanear a arte e trazer nobreza ao ideal!*

*"Merton of the movies", assim como se dissesse no Brasil "Seu Anastacio do Cinema", é uma satyra impiedosa á industria e á arte da cinematographia. Eu quizera que a presenciassem todos aquelles que vêem na profissão, de longe, a quintessencia de todas as esperanças. Sahiu primeiro em livro, pelo punho de Harry Leon Wilson, e tal foi o successo que para logo se passou para o palco. Nada ha que se compare á mordacidade de alguns de seus episodios, á melancolica lição de alguns de seus trechos, á profunda verdade de todo o seu contexto. E é para este que Glenn Hunter dá o melhor de sua alma de artista. Ha nelle uma graça tão natural, tão espontaneo é o encanto de suas attitudes, que a gente pergunta a si mesma se elle não passou por aquillo, cultivando aquellas esperanças, vivendo aquella vida e chorando aquellas des-*

Glenn Hunter em *Merton of the Movies*

*illusões. E a verdade é que, de certo modo, Glenn Hunter dá no tablado mostra do que foram seus primeiros dias como actor. Partiu elle creança para New York, não sem licença paterna, pois que os velhos estavam seguros de que o commercio era sua inclinação e breve voltaria desenganado. No dia em que escreveu para a velha mãesinha, annunciando-lhe que tudo lhe ia bem, dormiu sob as arvores, no Parque Central, e havia 48 horas que não tomava alimento. Fecharam-lhe todas as portas, mas não desenganou. O certo é que, depois de muito luctar e esperar, leu uma historia singela e tocante de Zoe Beckley e disse para si que coração assim o não desampararia. Zoe escreve regularmente para o "Evening Mail" e do seu banco de somno andou o moço a pé até a redacção, afim de tentar falar-lhe. O resultado foi, sob aquelle alto amparo, uma subida animadora: primeiro, o Washington Square Players, a 10 dollars por semana; depois, na "road", ou theatro de estrada, como aqui se diz, em Clod, em Pollyanna, em Penrod. Foi quando a guerra sobreveiu, e teve que partir. Tinha 18 annos incompletos. Terminada ella, Booth Tarkington o chamou para representação de seu "Clarence". Tarkington é um dos cumes literarios dos Estados Unidos, a elle coube, durante dois annos successivos o premio do World. A escolha fazia honra ao escolhido, agora nomeado entre os de primeira plana no seu officio. Hunter deu-se tambem depois ao cinema, figurando com Constance Binney no "The Case of Becky", com Dorothy Gish no "Country Flapper", com Norma Talmadge no "Smiling Through". Sua companhia é a The Guild Production Incorp., que já produziu com elle "Second fiddle", "The Lap of Luxury" e está montando "The Scarecrow".*

Glenn Hunter em *The Lap of Luxury*

*Vi Glenn Hunter, pela primeira vez, no seu camarim, muito simples e acolhedor, numa noite de grande applauso. Elle é moço, muito moço ainda, mas já chegou á sua meta. Agora, sim, que venceu, vae trabalhar pelos seus ideaes de artista no theatro, uma tarefa que é nobre porque, segundo elle a vê, ha de interpretar sempre a vida pelo seu prisma de nobreza. Tudo nelle seduz, o porte distincto, a lhaneza de maneiras, o espirito sem cabotinismo, olhar azul onde nada uma expressão de sonho eterno. Avistei-o depois, num chá no Voisin, quando se preparava para receber aos paes, a chegarem da provincia para com elle viverem sob o mesmo tecto, agora que não podia deixar mais New York. De Highland Mills a Broadway fôra, na verdade, um estirão, disse-me, sorrindo. Mas o genero de vida, em essencia, não havia mudado, pois o que vendia agora, em vez de fazendas e ferragens,*

Glenn Hunter e Mary Astor em *The Second fiddle*

*eram emoções. O satyrista da tela é tambem o satyrista da vida.*

*New York*, 15 *de Dezembro de* 1922.

HELIO LOBO.

Glenn Hunter e Mary Astor

Glenn Hunter em *Merton of the Movies*

que já nos apresentou alguns trabalhos de Zasu Pitts e de outros artistas.

☆ ☆ ☆

TOD BROWNING, ha pouco contractado pela Goldwyn, vae dirigir *The day of Faith*, cujo enredo é da autoria do conhecido escriptor Arthur Somers Roche.

☆ ☆ ☆

MAHLON HAMILTON nasceu em Baltimore, Maryland, e foi educado na escola de agricultura do mesmo Estado. Tem olhos azues e cabellos aloirados.

☆ ☆ ☆

LILLIAN WORTH, que entre muitos films, vimos ao lado de Elmo Lincoln em *Aventuras de Tarzan*, foi contractada pela Century.

☆ ☆ ☆

HARRY BEAUMONT, director de numerosos films da Goldwyn, foi contractado pela Warner Brothers.

☆ ☆ ☆

PHILLIP T. SMITH, presidente da Associação Internacional de Chefes de Policia em New Haven, Conn. e August Vollmer de Berkeley, California, ex-presidente da mesma associação, telegrapharam a Dorothy Davenport, viuva do saudoso Wallace, encorajando-a a continuar e terminar *The living Dead*, film de propaganda contra as drogas intoxicantes, de que já temos falado varias vezes.

☆ ☆ ☆

O trabalho de Pola Negri em *Bella Donna*, o seu primeiro film para a Paramount, foi muitissimo elogiado pela critica americana.

☆ ☆ ☆

Em *Daytime Wives*, film da F. B. O., supervisionado por Emile Chautard, figuram Grace Darmond, Edward Hearn, William Conklyn, Ann Perdue e mais um pequeno prodigio, Mickey M'Ban.

RICHARD STANTON, um dos heroes do film *Suborno*, da Universal, e director de alguns films de Thomas Ince e Fox, entre elles *O Trovão* recentemente, depois de longa viagem pela Europa e Africa, acaba de chegar á America e ser contractado pela Universal para dirigir William Desmond, que agora vae fazer films em cinco partes, preenchendo a vaga de Frank Mayo.

Antes, porém, parece que Richard vae produzir independentemente um film que será filmado no *studio* da velha Brentwood,

1) *Leatrice Joy aprendendo com sua progenitora a fazer "crochet"*. 2 e 3) *Winifred Dunn, Willard Mack e Clarence Badger.*

Para todos...

O LINDO FILM DE ELSIE FERGUSON "AMOR SAGRADO E AMOR PROFANO" DIRIGIDO POR WILLIAM DESMOND TAILOR FOI UM DOS GRANDES SUCCESSOS DA PARAMOUNT

RUTH ROLAND terminou mais um film de series intitulado *Haunted Valley*, que foi considerado como um dos melhores de sua carreira. Secundaram-n'a Francis Ford, o "Conde Frederico" da *Moeda Quebrada*, Eugenie Jensen, que fez a mãe de Norma Talmadge em *A flor da paixão* e Jack Dougherty, o galã de Gladys Walton em *Rosa de segunda mão* e de Neva Gerber em *A mentira viva*.

☆ ☆ ☆

THOMAS MEIGHAN vae passar uma temporada no palco trabalhando numa peça escripta por George Ade.

☆ ☆ ☆

EDITH ROBERTS é a principal figura feminina do film da Goldwyn, *Backdone*.

☆ ☆ ☆

São estes, afinal, os artistas que figuram no film *Hollywood*, da Paramount: Thomas Meighan, Agnes Ayres, Betty Compson, Jack Holt, Walter Hiers, Leatrice Joy, Lila Lee, Jacqueline Logan, Nita Naldi, George Fawcett, J. Warren Kerrigan, Elliott Dexter, Lois Wilson, Mary Astor, Charles Ogle, Hope Hampton, Will Rogers, Lew Wheat, Gertrude Astor, Ben Turpin, Kalla Pasha e Jim Finlayson. A direcção como se sabe, está ao cargo de James Cruze, que fez recentemente *The coveder wagon*, film que tem alcançado estrondoso successo em New York.

*Em cima: Viola Dana mostrando a ultima moda masculina. Ella trabalha com estes trajes em "Her fatal millions". Ao centro: O director George Melford e os seus photographos promptos para começarem a filmar "Amando até morrer", da Paramount. Em baixo: Natalie Talmadge Keaton e o seu filhinho "Buster Keaton Jr."*

☆ ☆ ☆

O ultimo film de Baby Peggy é *The Orphan*, dirigido por Alf. Goulding, o director de alguns dos melhores films de Harold Lloyd.

☆ ☆ ☆

Grace Darmond, Cleo Madison e Mitchell Lewis secundarão Guy Bates Post em *The man from ten strike*, film da Principal, dirigido por Robert Thornby. O enredo é da autoria do celebre Oliver Curwood.

# POBREZA DA RIQUEZA

(POVERTY OF RICHES)

*Film Goldwyn* — Producção de 1921

DISTRIBUIÇÃO

| | |
|---|---|
| Jonh Colby . . . | Richard Dix |
| Katherine Colby . | Leatrice Joy |
| Tom Donaldson . | Jonh Bowers |
| Grace Donaldson . | Louise Lovely |
| A Sra. Holt . . . | Irene Rich |
| Lyons . . . . . . | De Witt Jannings |
| Stephen Phillips . | David Winter |
| Hendron. . . . . | Roy Laidlaw |
| Eduard Phillips . . | John Cossar |
| John (creança) . . | Frankie Lee |
| Katherine(creança) | Dorothy Hughes |

OPINIÕES DA CRITICA

Producção de Reginald Barker, argumento de Leroy Scott; bem interpretada e bem dirigida. — *Moving Picture World.*

Film serio, bem feito, tem todas as possibilidades para agradar. — *Motion Picture News.*

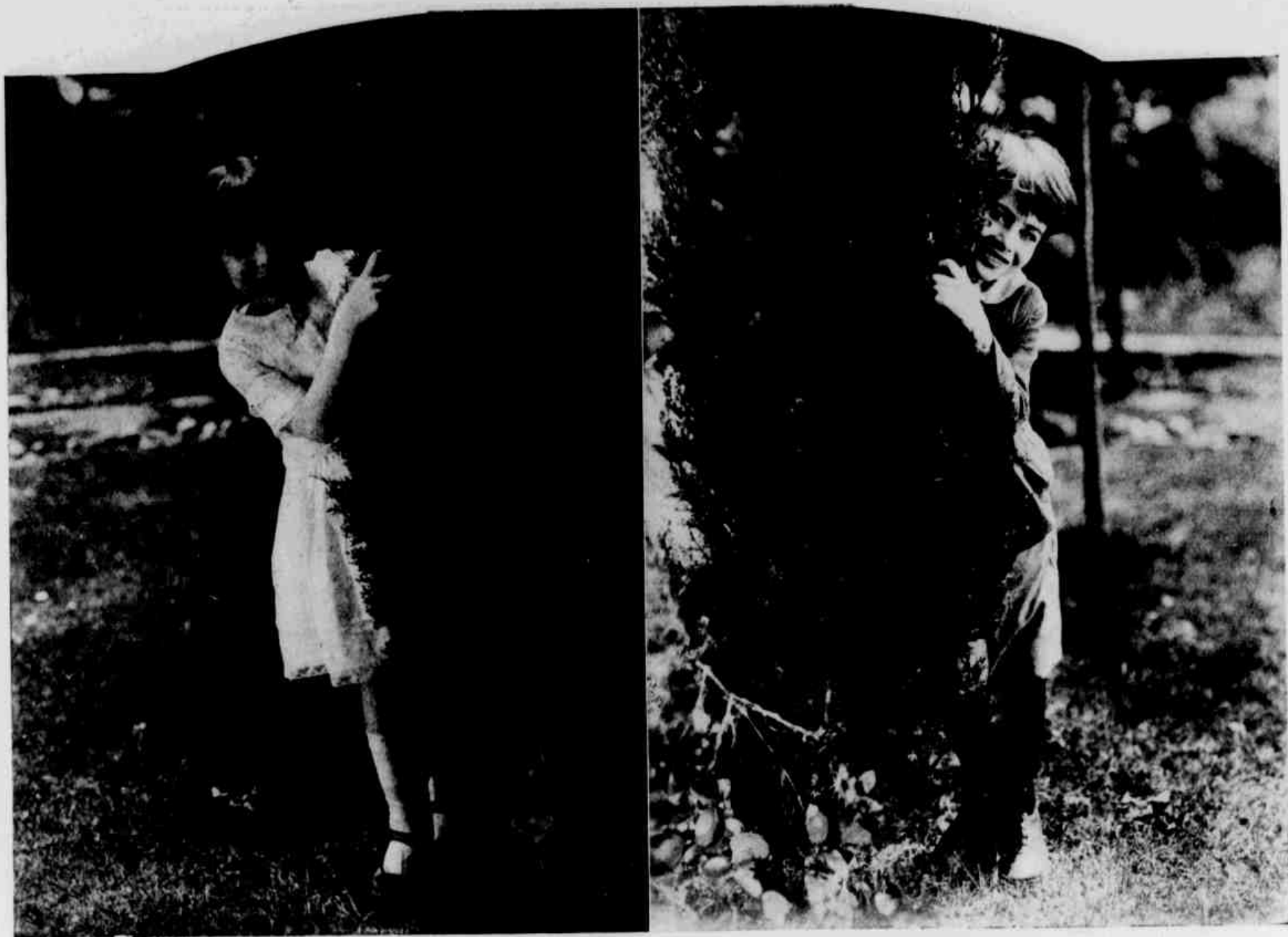
Film bem feito, habil direcção, interpretação justa, excellente photographia. — *Exhibitor's Trade Review.*

---

Agora que John Colby, sendo nomeado chefe da secção de calculos das Usinas Metallurgicas Phillips, via abrir-se deante delle um futuro promissor, graças aos seus talentos e applicação, Katherine Holt sentia chegado o momento de realisar a sua felicidade, que não era tanto, talvez, unir-se ao seu companheiro de infancia, mas antes ter como a sua amiga Grace Donaldson, casada com Tom Donaldson, um filhinho pequerrucho, gordinho e risonho, que havia de ser a satisfação e o enlevo dos seus instinctos maternaes, tão sábia e delicadamente apurados por sua mãe, a Sra. Holt, na educação da filha. Não pensou tambem John em outra coisa senão no seu casamento com Katherine, quando Andrew Hendron lhe annunciou que o Sr. Lyons, director geral das Usinas, havia resolvido eleval-o ao novo posto, com duzentos dollars por mez. Quando John sahiu da fabrica e correu a levar a boa nova á Katherine, ia tão contente, que nem percebeu as maneiras canhestras com que o joven Stephen Phillips, filho do proprietario das Usinas, se afastou da moça, com quem conversava á porta da casa della. Ambos entraram a levar a noticia, e a Sra. Holt, depois de ouvir algumas palavras sopradas pela filha, não perdeu tempo e annunciou immediatamente ás pessoas que ali se achavam para celebrar o anniversario da maioridade de Katherine, o noivado da filha com John Colby. E pouco depois, em *tête a tête* com o noivo, Katherine lhe dizia com uma adoravel alegria nos olhos:

— Tu te lembras, John, quando brincavamos em creança e que eu te

*... ricos na sua pobreza, muito mais ricos do que o triumphante...*

*Annunciou o casamento de sua filha...*

*Tu te lembras de quando nós eramos creanças...*

dizia que havia de ter uma duzia de filhos?

John tomou um ar grave:

— Para duzentos dollars só, meu anjo, é muito. Tu não vês Tom e Grace como vivem em difficuldades?

A moça replicou que um lar sem filhos seria uma coisa insupportavel, e que elles, os filhos, eram o resultado de um casamento feliz.

—Sim, concordou o rapaz, mas quando não falta o necessario para elles e para a esposa. Primeiro preciso alcançar uma posição que me permitta o luxo de ter uma prole.

Essa divergencia de opinião, no emtanto, não impediu que elles se casassem pouco depois. John prosperava no seu trabalho, mas não tanto que désse para o trem de vida que levava, seguindo nisso, aliás, os conselhos de Andrew Henderson, gerente dos escriptorios da fabrica, que no dia em que lhe communicara a promoção lhe dissera :

— John, eu sou mais velho do que tu e posso dar-te alguns conselhos proveitosos ao teu triumpho. A impressão é tudo. Nunca poupes o teu dinheiro para fazer crer aos outros que és um triumphador. Forja a apparencia da prosperidade, que a prosperidade virá mais facilmente.

*A riqueza dos pobres.*

E a preoccupação delle agora era apparentar grandeza. Jantares, festas, recepções enchiam aquella casa vasia de creanças, das creanças que Katherine desejava ardentemente. A ostentação do casal já se tornava objecto de commentarios. Isso mesmo fez Grace um dia saber a sua amiga. Mas Katherine declarou ser essa a vontade do marido, que ella desapprovava, embora nada pudesse contra o curso dos acontecimentos. John gostava de figurar, e nas suas extravagancias já havia consumido o pouco que sua mãe lhe deixára. E como a amiga lhe observasse não comprehender a razão porque elles não tinham filhos, Katherine respondeu:

— Eu desejava que John tivesse o espirito domestico mais desenvolvido... Elle diz que para ter filhos é preciso antes vencer na vida...

— Talvez elle tenha razão, tornou Grace, mas os nossos filhos valem

(*Termina no fim da revista*)

# DUQUEZA DE LANGEAIS

( THE ETERNAL FLAME )

*Film da First National*—Producção de 1922

DISTRIBUIÇÃO

| | |
|---|---|
| Duqueza de Langeais. . . . . . | Norma Talmadge |
| Duque de Langeais. . . . . . | Adolphe Menjou |
| Marquez Ronquerolles . . . . . | Welgwood Nowell |
| General Montriveau. . . . . . | Conway Tearle |
| Madame de Serijy. . . . . . | Rosemary Theby |
| Princeza Vlamont-Chaurray . . . | Kate Lester |
| Vidame de Pamlier | Thomas Ricketts |
| Conde de Marsay | Irving Cummings |
| Abbe Conrand . . | Otis Harlan |

*A evolução daquelle caso entre a joven virtuosa duqueza...*

Ella tinha apenas 18 annos quando se casou com o velho duque de Langeais.

Tudo quanto sabia da vida resumia-se no que havia aprendido no convento em que se educara.

O duque de Langeais batia, plenamente, os seus 60 annos, e era um typo de velho *blasé* e egoista, para quem a vida não significava senão a satisfação de alguns appetites materiaes.

Quando o seu amigo, conde de Marsay, lhe observou que aquella rapariga recem-sahida do convento, verdadeira creança, não levaria muito tempo a enganal-o com o seu proprio cocheiro ou creado grave, Langeais não lhe deu ouvidos. Uma menina educada por freiras de costumes severos seria uma esposa garantida. A differença da idade era circumstancia de somenos importancia.

— Para ella, o casamento será uma especie de retiro; verá na ceremonia nupcial um sacramento, cousas que muitas noivas parecem ter esquecido, — proseguia de Langeais, mostrando a dentadura de porcellana, num sorriso que lhe abriu os labios tremulos. — Ella será obediente, fiel e — ham! — affectiva.

— Ella dirá a primeira mentira no momento em que prometter "amor e obediencia", — replicava o conde com cynismo, — e desse momento em diante ella te mentirá diariamente. Não sou pretencioso, mas creio poder ufanar-me de conhecer as mulheres.

Ante a insistencia do seu amigo, o duque fez-lhe uma proposta: apostaria mil francos como sua esposa não o enganaria dentro de um anno. O conde acceitou; a aposta foi reduzida a termos e o papel guardado no cofre do club.

— Minha Virgem Maria, fazei-me uma boa esposa, — orava Corina Besant, ajoelhada á borda do seu alvo leito, na vespera do seu casamento. Depois, foi, casualmente, ao espelho e mirou-se sem vaidade. Em seguida, os seus olhos cahiram sobre a photographia do velho que seria seu marido e a comparação brotou espontanea na violencia do contraste. A joven sentiu uma pancada no coração e, pela primeira vez, veiu-lhe o vago presentimento do que se ia passar na sua vida.

— Casamento!... Que era isso?

E, com o seu rostinho apprehensivo, ella correu á cella da irmã Ursula.

— O casamento, — explicou-lhe a religiosa, — é um sacramento instituido por Deus. E' um dever para a maior parte das mulheres; mas, para ti, minha filha (e a freira olhou-a com profunda ternura), eu desejaria uma longa vida de paz dentro destes socegados muros. Lembra-te de nós, querida, se algum dia as desillusões e desapontamentos da vida te fizerem pensar num logar de refugio.

Na realidade, a Duqueza de Langeais pensou, muita vez, nas palavras da irmã Ursula durante os mezes que se seguiram, como um viajor acossado pela tempestade se lembra do calor da lareira. Mas Corina disfarçava a sua decepção mostrando-se calma e serena nos seus deveres de dona de casa e buscando consolo nos seus sentimentos religiosos. Naquelle estranho mundo em que a atirara o casamento, o proprio Deus parecia havel-a abandonado e ella sentia-se só entre aquelles homens de olhares concuspiscentes e aquellas mulheres de maneiras exaggeradas e indiscretas.

Sua aia, Madame de Serizy, velha *coquette*, ainda orgulhosa da belleza de suas mãos, instruia-a nos deveres da sua posição de esposa de um grande titular.

— Ha certas coisas, — dizia-lhe a velha *coquette*, — que uma esposa

*Não, não me olhe assim!...*

*é de avaliar o interesse com que elles acompanhavam a intriga...*

nunca deve fazer: por exemplo, nunca ir ao theatro com o seu "apaixonado", a não ser que o seu marido a leve até o camarote e vá depois buscal-a.

Taes conselhos enchiam Corina de horror: um apaixonado quando ella era casada! Tão acovardada se sentia ella ante as lições que ia aprendendo, que agora já nem ousava levantar os olhos quando seu marido lhe apresentava algum novo amigo. Essa modestia encantava de tal modo o Duque, que, certo dia, elle, em presença della, falou levianamente ao Conde Marsay da aposta.

— Diga adeus aos seus mil francos, disse elle, sorrindo. — Não lhe dizia eu que ella era virtuosa!

A Duqueza de Langeais subiu para seu quarto, onde se debulhou em lagrimas. Mas ao pranto succedeu a revolta pela offensa:

— Ah! então minha virtude é coisa em que se aposta como em um cavallo!

E dessa crise resurgiu uma outra mulher differente da menina resignada e quasi ingenua, que trocara seu véo de primeira commungante pelo de noiva.

Desde esse dia ella se tornou discipula ardente de Madame de Serizy e não mais baixou os olhos quando era apresentada aos amigos do esposo.

E assim, pela primeira vez, ella fitou o bello rosto do General Jean de Montriveau, a quem na alta sociedade costumavam chamar "O homem de coração de ferro".

— Aquelle é o unico homem sobre a face da terra que preferiria ganhar uma batalha de armas a um combate de amor, — dizia-lhe o marido, designando o general, que se approximava. Mas que importava isso a Corina se, naquelle vulto esbelto e de estatura elevada como Lohengrin, ella sentia o cavalheiro formoso e bravo que tantas vezes povoara os seus sonhos de donzella, quando os raios brancos da lua vinham visital-a na sua cella do convento.

Pouco experiente na arte de occultar seus pensamentos e disfarçar os seus sentimentos, a duqueza deixou reflectir nos seus olhos, negros e profundos como um desses lagos adormecidos na floresta, todo o tumulto que lhe ia n'alma, e de Montriveau sentiu-se perturbado como um collegial.

Duas semanas mais tarde, o Duque de Langeais partiu para junto de Napoleão e consolava a esposa da sua ausencia, dizendo-lhe que a havia recommendado ás attenções de Montriveau, "que não mostrava muita predilecção pelos encantos do creme de leite, mesmo quando era servido em um lindo bol".

A duqueza riu-se, mas a graça do velho esposo ferira-a no que a mulher tem de mais vulneravel — a vaidade. Julgara-a, então, o marido uma coisa tão insignificante assim, que um homem como de Montriveau não sonharia amar?!...

— A duqueza é um *flirt*, meu caro, o maior *flirt* de Paris, — dizia o Conde de Marsay a de Montriveau; — ella se gaba abertamente das suas conquistas.

As palavras insinuadoras do conde explicavam-se pela aposta com o duque, mas é certo que não fazia parte do seu plano dever elle a sua victoria a Montriveau. Ha muito, já o conde se habituara a pensar na taça deliciosa que seriam os labios nacarados da joven duqueza.

— Está fazendo um tempo admiravel, disse de Montriveau, fingindo-se desapercebido.

O conde, porém, insistiu:

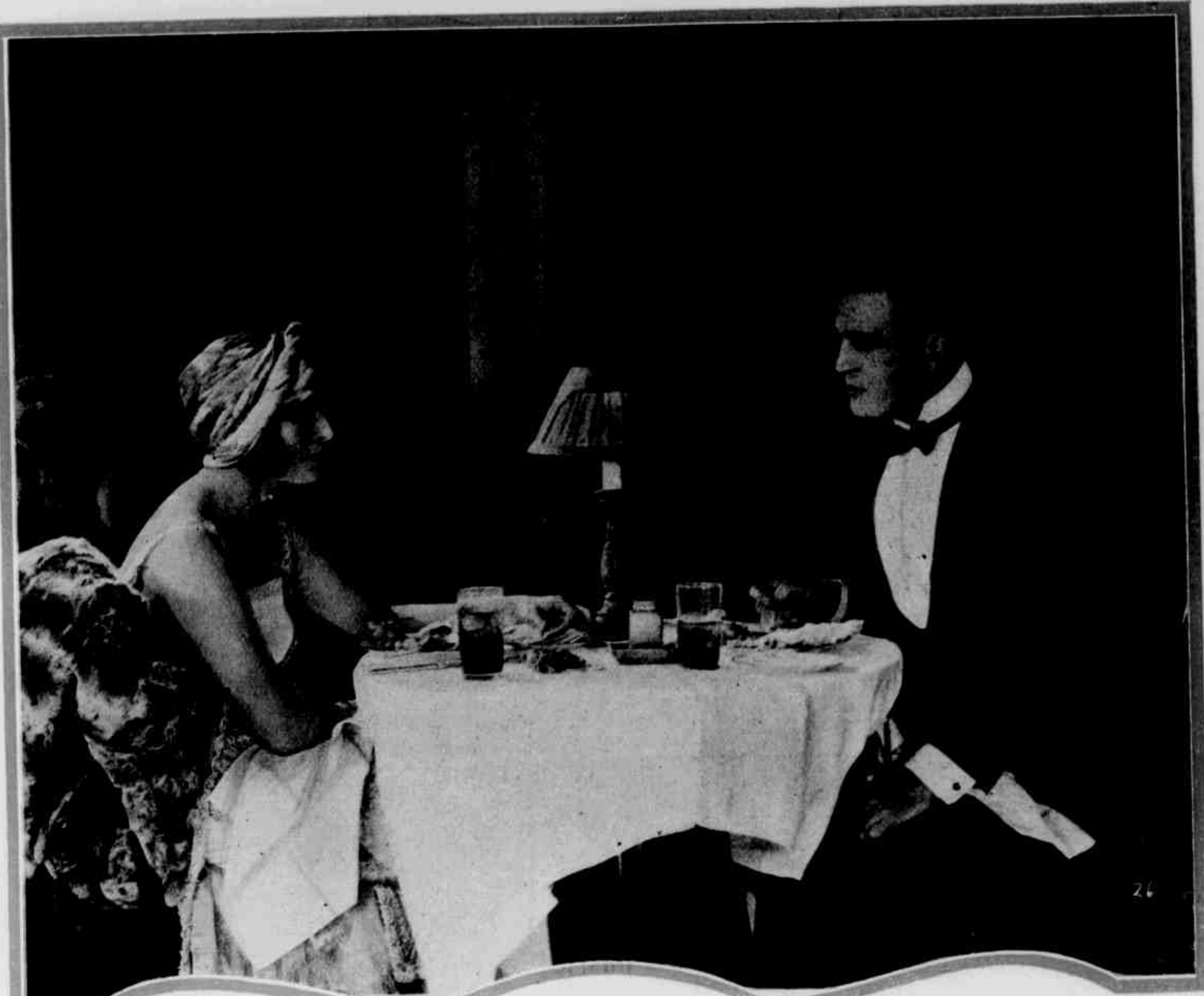
— Seria um grande triumpho para a duqueza a conquista do "Coração de Ferro". E' um dever de bondade da minha parte prevenir-te contra o seu falso ar de innocencia. Não é só a rezar que ellas aprendem no convento, caro meu.

De Montriveau falou novamente do tempo e o conde viu no olhar do seu interlocutor qualquer coisa que desmentia o sorriso cortez com que elle acolhia as suas insinuações. Viu e achou conveniente mudar de assumpto.

Não faltavam olhos para espreitar a evolução daquelle caso entre a joven e virtuosa duqueza e o severo e frio, mas bello soldado de Napoleão.

Eram sem conta as damas da alegre côrte de Luiz XVIII que haviam soffrido a humilhação e o desprezo por parte de de Montriveau, e é de avaliar o interesse com que ellas acompanhavam aquella intriga. Para de Montriveau aquella mulher delicada e fina era como a volta da primavera depois

(*Termina no fim da revista*)

*... vencida pela commoção tremenda deixou-se cahir...*

*Corinne Griffith é das mais bellas artistas da scena muda. Em "Island Wives", da Vitagraph, tem um magnifico papel. Trabalha actualmente para a Goldwyn.*

Pola Negri, como já publicámos, está actualmente filmando *The Cheat*. Esse argumento já foi filmado ha uns seis annos sob a direcção de Cecil B. de Mille, com Sessue Hayakawa, que nesse papel se notabilisou, e Fanny Ward. Foi um dos films de maior successo na França, e tanto que Camille Erlanger o musicou para a Opera. Ora, é justamente a musica de Erlanger que acompanha agora as *poses* de Pola Negri, que faz questão de trabalhar ao som de alguma melodia.

☆ ☆ ☆

Em *The Shock*, da Universal, trabalha Virginia Valli ao lado de Lon Chaney. A direcção é de Lambert Hillyer.

☆ ☆ ☆

Em *The Law bringers*, da Metro, trabalham Barbara La Marr, Earle Williams e Wallace Beery. O director é Reginald Barker. Renée Adorée, Pat O'Malley e Joseph Swickard tomam parte no mesmo film.

A First National fez um contracto com a Ghirardelli Milk Chocolates para incluir nos pacotes de productos de sua confecção, durante um anno, os retratos de suas *estrellas*: Norma e Constance Talmadge, Guy Bates Post, Dorothy Phillips, Buster Keaton, Douglas Mac Lean, Ruth Clifford, Madge Bellamy, Colleen Moore, Milton Sills e Anna Q. Nilsson.

☆ ☆ ☆

Evelyn Brent e B. P. Fineman casaram-se a 1 de Novembro de 1922. Evelyn é a *leading-woman* actual de Douglas Fairbanks.

☆ ☆ ☆

Num concurso organisado pelo *Milwaukee Sentinel*, para apurar qual era a figura mais querida do cinema, sahiram vencedores do lado masculino: Harold Lloyd em primeiro logar, Rodolph Valentino em segundo e Douglas Fairbanks em terceiro, e do lado feminino: Priscilla Dean seguida de Norma Talmadge e Katherine Mac Donald.

Em *The fourth Musketeer*, da F. B. O., figuram Johnnie Walker, Eileen Percy, William Scott, Philo Mac Cullough e o pequeno George Stone.

☆ ☆ ☆

Creighton Hale tambem trabalha em *Trilby*, da First National, dirigido por James Young.

☆ ☆ ☆

O comico Stan Laurel firmou um contracto de cinco annos com a Pathé N. Y.

☆ ☆ ☆

O galã de Betty Compson em *The woman with four faces*, da Paramount, é Richard Dix.

☆ ☆ ☆

*Silent partner* é o titulo dum film da Paramount que está sendo feito sob a direcção de Charles Maigne. Os principaes artistas são Owen Moore e Leatrice Joy.

*Alice Lake estudando para representar o seu papel em "A semi-nua", da Metro.*

*Norman Kerry, queridissimo no Rio, agora representando o principal papel em "The merry go round", producção extra da Universal.*

Com Hoot Gibson em *Blinky*, trabalha Esther Ralston, que o Rio conhece atravez dos films de Tom Sanstchi para a Universal e a *leading-woman* de William Desmond em *A volta ao mundo em dezoito dias*, que vae passar breve nas nossas platéas.

☆ ☆ ☆

Paul Panzer, o companheiro de Edna Hunter dos antigos films da Universal, o homem que o Rio conhere pessoalmente, foi contractado para trabalhar em *Snowblind*, da Cosmopolitan.

☆ ☆ ☆

*Larubia*, uma historia hespanhola, será o proximo film de Clara Kimball Young para a Metro. O galã será Albert Roscoe e o director Thomas Jefferson.

☆ ☆ ☆

Mahlon Hamilton vae trabalhar ao lado de Agnes Ayres em *The Heart Raider* e depois será o galã de Bebe Daniels em *Bluff*.

☆ ☆ ☆

Maude George, a diabolica costureira do *Machiavelismo*, e Charles Clary tambem tomam parte em *Six days*, da Goldwyn.

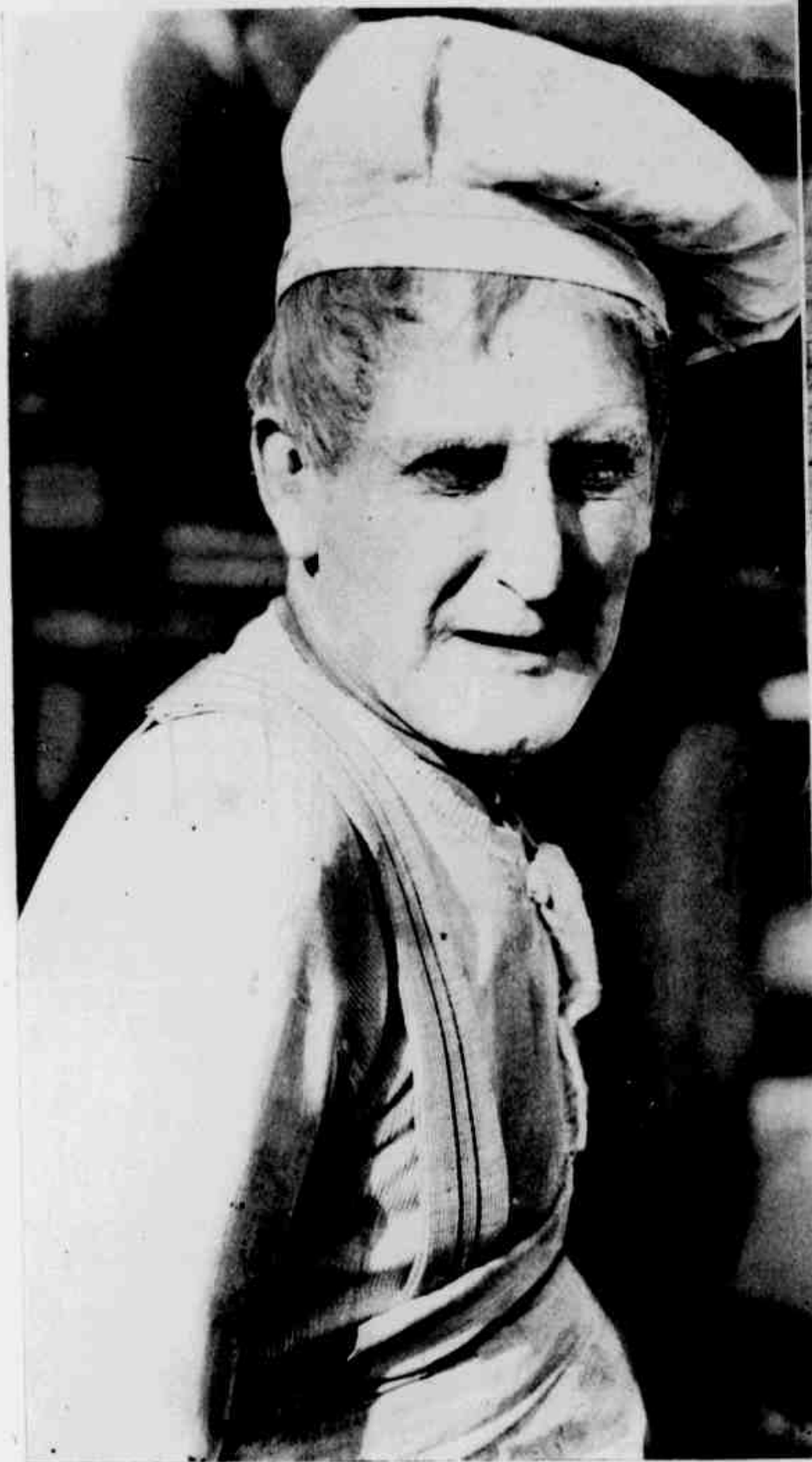
## OS CINEMAS DE BUENOS AIRES

Pelo ultimo Boletim da Estatistica Municipal de Buenos Aires, tinha aquella cidade (com 1.749.367 habitantes, a 31 de Janeiro, 34 theatros e 136 cinemas. No mez de Janeiro concorreram ás 8.940 funcções desses estabelecimentos de diversão 1.734.827 pessoas, com uma renda bruta de 1.227.116 pesos (4.200 contos mais ou menos). Os impostos sobre essas casas de espectaculo renderam em 1922: theatros 469.658 e cinemas 710.693 pesos (2.500 contos mais ou menos).

☆ ☆ ☆

A Nivo-film, de Berlim, a fabrica que apresentou aqui a *Humanidade desenfreada*, terminou o film *Das spiel des Liebe*, com Marcella Albani e Alfred Abel, conhecidissimo no Rio, o maluco "Andréas" do film *Sapho*.

☆ ☆ ☆

Segundo *La Pellicula*, a United Artists depois do seu desastre no anno passado aqui e em Buenos Aires reorganisou-se naquella cidade e vae de triumpho em triumpho com suas excellentes producções.

*William Mong, nosso velho conhecido*, o homem do pósinho *em "Um yankee na côrte do rei Arthur", no papel de cozinheiro em "All the brothers were valiant", da Metro.*

*Theodore Kosloff chegando ao seu camarim, nos studios da Paramount, para trabalhar em "Adam's rib".*

Aqui, entre nós, não se fala de reorganisação nem coisa alguma, de sorte que talvez nem sequer chegaremos a conhecer as bellas producções de Mary, Douglas, Griffith e as dos Allied Artists.

Dahi póde ser que de Buenos Aires venha até nós o Sr. Ehrenreiche, o reorganisador da agencia ali.

☆ ☆ ☆

Wanda Hawley partiu mysteriosamente para a Europa, dando ao embarcar até um nome trocado. Wanda solicitou divorcio recentemente allegando que o marido era um malandro que queria viver á custa della.

☆ ☆ ☆

*Eterna lua de mel*, que nós conhecemos atravez da versão cinematographica da Paramount, com Wallace Reid e Elsie Ferguson, foi interpretado no palco por Alice Brady e agora acaba de ser posto em musica. Esse delicadissimo romance de amor, uma das coisas mais finas que já vimos em cinema, passou entretanto despercebida ao nosso publico...

ALICE CALHOUN NO PAPEL DE LADY BABBIE EM "THE LITTLE MINISTER", DA VITAGRAPH.

William Desmond, Roy Stewart e Jack Hoxie foram contractados como *astros* da Universal. O primeiro todo o mundo o conhece desde o tempo da Triangle e ultimamente vinha trabalhando em films de series na Universal, dos quaes já vimos *Perigos de Yukon*. Roy Stewart tambem é nosso conhecido da Triangle e Universal, e Jack Hoxie, antigamente Hart Hoxie, que recentemente trabalhava para a Arrow onde o vimos em *Fio de destino* e *Jack, o destemido*, tambem já foi da fabrica de Laemmle e lá já trabalhou em dramas de cinco partes. Os leitores se lembram, por exemplo, de *Sem ser culpada!* com Louise Lovely, em que tinha elle uma grande lucta com Alfred Allen? Foi contractado agora, porque a Universal precisa de um *cowboy* para papeis de homem forte e destemido, o que a figura de Hoot Gibson não permitte e depois, agora, vae entrar na comedia, que é a sua especialidade.

☆ ☆ ☆

ACROBACIAS PERIGOSAS

Ha tempos, em New York, varios operadores munidos de suas machinas, apanharam as *poses* de um acrobata, que pelas saliencias de um edificio trepava a um dos *arranha-ceus* da Quinta Avenida. De subito, sem que se soubesse a causa, de uma altura de 30 metros elle cahiu, despedaçando-se na calçada.

Já narrámos aqui o que aconteceu ao acrobata que costumava substituir Pearl White em certas scenas perigosas. Lembram-se os nossos leitores da morte desastrosa do tenente Locklear, cujas acrobacias em aeroplano ficaram famosas. Pat O'Malley, que não é para ahi nenhum aviador famoso, em um film salta do aeroplano para um trem em marcha, e deste em seguida iça-se por um cabo até o avião. Andrée Peyre é eximia nesses exercicios. Berthe Dagmar já foi victima de uma panthera que lhe marcou o rosto cruelmente. Joe Haman, o melhor cavalleiro de França, saltando de uma ponte ao rio, chegou a resvalar em uma estaca ponteaguda, que ali fôra por descuido deixada. E assim por deante.

☆ ☆ ☆

A Universal vae filmar a novella *The right of conquest*, de G. A. Henty, cuja acção se passa no Mexico por occasião de sua conquista pelos hespanhoes, sob o commando de Cortez.

☆ ☆ ☆

Carol Holloway volverá brevemente ás nossas telas em *Cordelia the Magnificent*, da Metro.

☆ ☆ ☆

A Century acaba de contractar a *Gorham Follies*, de que fazem parte 25 artistas, tendo á frente Doris Eaton, para uma serie de comedias.

# Tempestades da alma

( THE STORM )

Film Universal — Producção de 1922

Direcção de Reginald Baker

DISTRIBUIÇÃO

| | |
|---|---|
| Burr Winton. . . | House Peters |
| Jeannette Fachard | Virginia Valli |
| Dave Stewart. . . | Matt Moore |
| Jacques Fachard. . | Joseph Swickard |
| Nanteeka. . . . . | Frank Lanning |
| Sargento de policia | Gordon Mac Gee |

No meio da immensa planicie branca, no alto Canadá, na terra do silencio, no meio da grande floresta, vive Jacques Fachard, o caçador francez.

Vigoroso ainda, não obstante as mechas grisalhas dos seus cabellos, os gestos energicos revelam a energia do seu caracter.

Jacques Fachard é um rude caçador, mas toda a sua rudeza desapparece, transforma-se em doçura deante da sua Jeannette, a flor daquelles campos solitarios, o lyrio do valle.

Um dia, quando se dispõem a comer o jantar que a moça preparou com suas mãos delicadas, pancadas repetidas e imperiosas sacodem a porta. Aberta esta, dois homens fazem irrupção na modesta sala e intimam o velho a acompanhal-os. Os dois homens pertencem á policia, e Jacques Fachard é accusado de favorecer o contrabando.

Sem procurar defender-se, Jacques despede-se de Jeannette; mas a moça supplica-lhe, com lagrimas na voz:

— Deixa-me ir comtigo, pae!

Mas o velho recusa, e obriga-a a ficar; que seria da sua Jeannette entre os homens brutaes que sabe vae encontrar?

Emquanto os agentes esperam que elle se despeça de sua filha, esta murmura-lhe ao ouvido algumas palavras e conclue, ambiguamente:

— Tu sabes como isto se faz, pae; deixa-o por minha conta.

Os dois agentes se impacientam; Fachard beija ainda uma vez a rapariga, e parte, cabeça baixa, entre os dois guardas.

Jeannette tem o seu plano; quando os tres homens desapparecem na volta do caminho, ella corre para a margem do rio; ali, entre as escarpas, uma canoa encontra-se occulta. Com a destreza de um consummado canoeiro, a rapariga faz-se ao largo e deixa-se levar pela corrente, por entre os rapidos que fórma o rio. A leve canoa parece voar sobre as aguas espumosas habilmente guiada no dedalo de rochas que emergem da corrente.

A estrada, por onde caminham os guardas e seu prisioneiro, não se afasta da margem. Fachard caminha silencioso e tranquillo; de tempos a tempos, como para distrahir o olhar da monotonia da planicie, volta a cabeça para o leito revolto do rio. De repente, antes que os guardas possam esboçar um movimento, o preso atira-se á agua, que ferve em torvelinhos, e desapparece sob a espuma.

Um momento immobilisados pelo espanto, os guardas entreolham-se. Depois, encolhendo os hombros.

— Esse homem está perdido !, diz um delles.

Mas logo, divisam uma canoa, e nella dois seres levados pela corrente impetuosa. Duas carabinas visaram os fugitivos e duas detonações perderam-se sem echo, no descampado. A canoa continuou impellida pela

força do rio, e em pouco a perderam de vista.

Ao continuarem o caminho tinham ambos o mesmo pensamento: "Não irão longe: não escaparão ao Abysmo do Diabo".

Enganavam-se. Ninguem se podia gabar de ter atravessado esse abysmo ameaçador, onde innumeras vidas se tinham perdido. E no entanto Fachard e Jeannette conseguiram evitar o turbilhão, e pouco depois remavam na calma enseada que formava o rio abaixo da cataracta.

Alguns instantes depois, Fachard deixou de remar. Jeannette observou que elle tinha o rosto tão branco como o immenso estendal de neve que cobria as margens do rio.

— Que tens, pae, estás ferido?

— Não te inquietes, filha, respondeu Jacques, não passa de uma arranhadura sem importancia.

A canoa abicou á praia e elles desembarcaram. Fachard pareceu reanimar-se.

— Tivemos sorte, Jeannette, disse; nestas paragens habita o meu velho amigo Burr Wington. Chama-o.

Jeannette fez um porta-voz com as mãos e bradou por Burr Wington.

Fachard não se enganava: a cabana de Wington elevava-se a cem metros da margem em que haviam desembarcado. Mas Burr Wington não se achava só; com elle morava Dave Stewart, e nunca duas naturezas tão diversas se encontraram reunidas.

Burr Wington era um homem simples, recto, sem pensamentos occultos, um verdadeiro homem dos bosques, sempre prompto a dar o seu coração leal; seu companheiro, Dave Stewart, era, ao contrario, um filho dos grandes centros, fatigado por uma vida de orgias, que procurava na vida primitiva uma sensação nova; mas a natureza, não obstante todo o poder da sua magestade, não lhe pudera lavar a alma dos vicios antigos. Muitas vezes dizia elle a Burr:

*Um dia ella lh'o confessou com o rosto...*

— Isto aqui seria um paraiso se não faltassem mulheres.

— Pois a mim esses demonios de saias causam-me medo, respondia brutalmente o outro..

— Tu deves conhecel-as, Dave ?

— Conheço-as demasiado, replicou Dave.

O creado de Burr deixara-o para acudir a um chamado de sua familia; e desde então os dois homens, condemnados a viver exclusivamente na reciproca companhia, riam despreoccupados ao distribuirem as tarefas domesticas que competiam a cada um.

— Fica sabendo que eu não sei lavar panellas, dizia Dave.

— E eu, respondia Burr, não estou disposto a lavar-te as meias.

E apertavam-se as mãos, certos de levar a cabo todas essas tarefas, quando Jeannette appareceu. Não se tratava de discutir, nesse momento, sobre o grão de malignidade desses demonios de saias: um homem, amigo de Burr, carecia de auxilio; era necessario salval-o.

Fachard foi transportado para a cabana. Burr Wington pensou o ferimento, com o cuidado e a sciencia, que dão a necessidade e a longa pratica.

Foram inuteis todos os cuidados. O caçador agonisava, e quando Jeannette se precipitou chorando sobre o moribundo, este murmurou:

— Burr, leva Jeannette para a cidade; confio-te ao meu amigo, disse para a filha; ama-o como me amaste.

O desejo do moribundo devia ser cumprido. Alguns dias depois do enterro, Burr Wington poz-se a caminho, conduzindo Jeannette; mas a tormenta, terrivel nessas paragens, annunciava-se já: avalanches de neve ameaçavam engulir tudo, homens e cousas, que encontravam á sua passagem. Impossivel viajar. Melhor seria renunciar, provisoriamente, ao projecto, e Burr Wington

*Ella não podia admittir que esses dois homens se matassem por sua causa...*

*Agora Dave desejava afastar-se...*

voltou com a moça á sua cabana. Quando chegassem os bellos dias da Primavera partiriam. Além disso, Jeannette não se sentia muito animada a entrar para o convento e mostrou-se encantada de ficar com os seus dois novos companheiros.

— Somos tres companheiros, murmurou ella gravemente e immediatamente começou a cuidar dos trabalhos domesticos.

Entretanto, essa presença feminina havia tranformado os dois homens. Tratava-se de ajudal-a; havia as panellas a lavar, Burr e Dave precipitavam-se.

— Só preciso de um, dizia ella sorrindo.

— Então eu, exclamava Burr.

— Eu, gritava Dave.

— Vamos tirar á sorte, conciliava Jeannette.

Um baralho, e cada um tirava uma carta.

— Eu tenho um az, declarava Dave.

— Eu tambem, annunciava Burr.

— Vamos vêr, pedia ella maliciomente.

Naturalmente, nenhum delles tinha az.

Quando Dave se punha a tocar, Burr punha-se a cantar. Um tocava bandolim; o outro tocava gramophone.

Até então eram apenas escaramuças, mas a guerra declarou-se entre os dois amigos. Ambos amavam a moça, cada qual a seu modo; em Dave, era um amor ardente, mais desejo que amor, um sentimento que lhe fazia seccar a garganta abrazada, ao vêr a moça; em Burr, era um sentimento profundo, immenso, uma adoração, uma necessidade imperiosa de protecção que lhe enchia a alma.

E era a Burr que Jeannette amava.

Um dia ella lh'o confessou, escondendo o rosto incendido no largo peito do caçador.

Dave e Burr tornaram-se adversarios, inimigos sem piedade; e a causa era a meiga e ingenua Jeannette.

A principio, limitaram-se ás palavras azedas, ás ironias, e aos sarcasmos. Depois passaram ás ameaças.

Uma noite, Burr entrou no quarto de Jeannette, para gozar o prazer de contemplal-a adormecida; por baixo das cortinas dois pés revelavam a presença de Dave. Uma colera terrivel apossou-se de Burr, e os dois homens bateram-se; felizmente Jeannette accorreu.

Ella não podia admittir que esses dois homens, esses dois amigos se matassem por sua causa.

— Dave sonhou que eu o chamava e correu para defender-me, disse ella.

E assim a moça, que tinha a censurar a Dave violencias injuriosas, salvou-o da colera de Burr. Mas não devia ser recompensada a sua generosidade.

Os viveres começavam a faltar; era preciso procural-os na povoação mais proxima. Mas quem iria? aquelle que partisse abandonaria Jeannette. Dave e Burr resolveram entregar-se ás mãos do destino; jogaram. Dave perdeu; sahiu, mas alguns instantes depois voltou.

— Devo ficar, disse, porque é a mim que Jeannette ama.

— Eu penso muito ao contrario: que é a mim — replicou Burr.

— Pois se quer ter a prova, fique ahi. Verá como Jeannette se deixa beijar por mim.

Burr esperou. Dave foi procurar Jeannette e disse-lhe que, devendo morrer na floresta que não conhecia, pedia-lhe perdoasse as suas faltas e consentisse em beijal-o pela ultima vez. Confiante, a moça deixou-se beijar nos labios e Burr viu o seu gesto. Com a morte no coração, sahiu da cabana, e Dave voltou para junto de Jeannette, apavorada.

Burr caminhava pela floresta, curvado ao peso do sacco de viajante,

(*Termina no fim da revista*)

*Uma colera terrivel apossou-se de Burr e os dois bateram-se.*

# UM FILM SENSACIONAL

Cecil B. de Mille é considerado hoje um dos maiores directores de scena norte-americanos. Cada film produzido sob sua direcção importa não sómente em um novo triumpho artistico, mas ainda em formidavel successo de bilheteria, succedendo-se ás portas dos cinemas que o exhibem as ondas de espectadores.

MANSLAUGHTER (A Homicida) vae ainda uma vez provar esse facto.

E', de facto, um grande film, um dos melhores que nos tem dado a Paramount, e na opinião da critica norte-americana a melhor producção de Cecil B. de Mille até o presente.

Leatrice Joy e Thomas Meighan são os artistas principaes.

Do actor nada ha mais que dizer, pois cada novo film por elle interpretado só serve para confirmar o juizo que o collocou em primeiro plano na galeria dos astros da tela.

O trabalho de Thomas Meighan já no papel de promotor publico de consciencia rigida e inflexivel que não se dobra aos impulsos do coração, levando á cadeia a mulher amada que transgredira a lei, já no decorativo papel de Alarico, rei dos Visigodos, entrando em Roma mergulhado nas suas saturnaes em que se dissolveu o imperio do Occidente, é surprehendente.

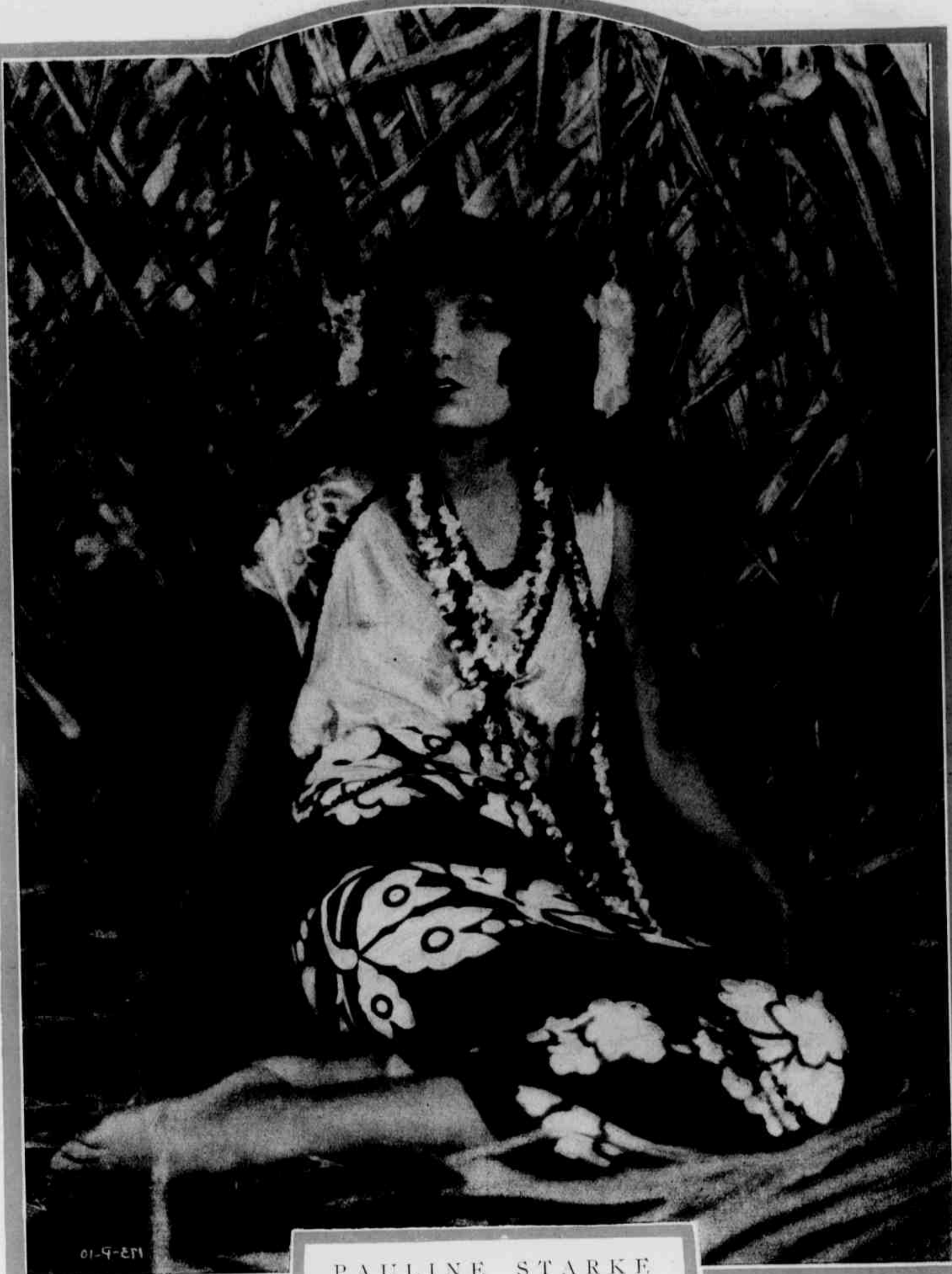
Mas Leatrice Joy, que só agora vae se fazendo, é uma verdadeira revelação. Ella galgou os pincaros da fama com o seu trabalho em *Manslaughter* convertendo-se em uma das *estrellas* mais queridas do publico norte-americano.

Outro excellente papel é o que desempenha a linda Lois Wilson.

Esse terno de artistas principaes é auxiliado por outros como George Fawcett, John Miltern, Edythe Chapman, Julia Faye, Jack Mower, Dorothy Cummings, Casson Ferguson, Micky Moore, James Neil, Sylvia Ashton, Raymond Hatton, Mabel Van Buren, Ethel Wales, Dale Fuller, Edward Martindel, Charles Ogle, Guy Oliver, Shannon Day, Lucien Littlefield, etc., em um esplendido conjuncto.

Ha em *A Homicida*, como em outros films de Cecil B. de Mille, uma evocação historica: a tomada de Roma pelos barbaros sob o commando de Alarico. Quem conhece os recursos desse famoso director de scena bem póde imaginar o que sejam esses maravilhosos quadros cinematographicos, de que a gravura acima dá pallida idéa apenas.

Os cinemas Avenida e Ideal, que vão começar juntos a exhibição desse grandioso film, certamente regorgitarão uma semana ou mais de espectadores.

Na realidade é uma producção que ninguem deverá deixar passar sem ver, porque é um dos mais soberbos espectaculos cinematographicos que tem maravilhado os nossos olhos.

PAULINE STARKE

NO FILM

"LOST AND FOUND"

DA GOLDWYN

Segundo Neysa Mc Urein, artista de renome nos Estados Unidos como pintora de retratos, as seis maiores bellezas da tela são: Mary Pickford, Corinne Griffith, Pauline Starke, Florence Vidor, Norma Talmadge e Laurette Taylor.

☆ ☆ ☆

Buddy Messinger, já appellidado o "Chico Boia Jr.", que breve veremos em *O velho ninho*, da Goldwyn, está obtendo grande successo nas comedias da Century.

☆ ☆ ☆

*Poor men's wives*, uma especie de replica ao film *Rich men's wives*, foi recebido com muito maior favor pelo publico do que este ultimo film. Betty Francisco, Barbara La Marr e David Butler desempenham os principaes papeis.

*Theodore Kosloff no papel de* Lord Carnal *em "To have and To hold".*

*O grande caracteristico Lon Chaney no papel de* Mack Shore, *o capitão do navio, em "All the brothers were valiant", film da Metro dirigido por Irvin Willat.*

Nazimova comprou os direitos de filmar *The World's Illusion*, que ella pensa fazer o seu maior e melhor trabalho cinematographico.

☆ ☆ ☆

Cecil B. de Mille pensa produzir o seu futuro film, *Os dez mandamentos*, na Terra Santa. Nós sempre imaginámos que o famoso director de scena, além desses dez tão conhecidos, houvesse descoberto mais alguns mandamentos.

☆ ☆ ☆

O primeiro film de Jackie Coogan para a Metro será *Long live the King*, argumento de Mary Roberts Rinehart.

☆ ☆ ☆

Marie Mosquini é a *leading-woman* de Will Rogers em sua proxima producção.

☆ ☆ ☆

Mae Marsh, após os assignalados triumphos na cinematographia ingleza, acaba de volver aos Estados Unidos, onde sob a direcção de Griffith fará *The White Rose*.

Kathlyn Martin é o nome de mais uma das mais populares "bellezas" do celebre Ziegfeld Follies, que entrou para o cinema. Trabalhará na Mastodon.

☆ ☆ ☆

*The Love letter* da Universal é considerado pela critica Yankee o melhor trabalho de Gladys Walton até hoje.

☆ ☆ ☆

*Money, money, money*, de Katherine Mac Donald para a First National foi considerada producção mediocre, não se salvando nem o argumento nem a interpretação.

☆ ☆ ☆

*Rosita* é um dos films que Mary Pickford fará este anno ainda.

☆ ☆ ☆

Colleen Moore é noiva de Johnie Cormick, um joven jornalista que entrou agora para a administração da First National.

☆ ☆ ☆

Mae Murray parte brevemente para a Europa. Vae filmar na praia de Deauville varias scenas do seu film *Mlle Midnight*.

☆ ☆ ☆

Anita Stewart foi contractada pela Cosmopolitan a apparecerá em *The Love piker*.

☆ ☆ ☆

Richard Ordinsky que já foi *metteur en scene* no Metropolitan Opera House de New York fez a sua estréa como director de films em *The Exciters* com Antonio Moreno e Agnes Ayres.

☆ ☆ ☆

Allan Holubar e Dorothy Phillips resolveram separar-se... artisticamente só. Allan vae dirigir films para um lado e ella trabalhar para outro.

*Cecil B. De Mille com a espingarda que costuma levar comsigo, quando fez as longinquas viagens no seu hiate*

*Viola Dana no seu* Hollywood Creeper

☆ ☆ ☆

A producção do Paramount que Pola Negri vae iniciar agora é D. Cesar de Bazan, adaptação do drama francez por June Mathis, e que estava destinada a Rodolph Valentino. Antonio Moreno terá o principal papel masculino.

☆ ☆ ☆

*Jack Mower* mais conhecido no papel de *chauffeur* em *Noite de Sabbado*, vae trabalhar em films de series da Universal.

☆ ☆ ☆

*Theodore Roberts* é casado. Sua esposa era conhecida no theatro como Florence Smythe.

☆ ☆ ☆

Blanche Sweet esteve doente algumas semanas. Já recomeçou a trabalhar no film *Tess Of the d'Urbervilles*, sob a direcção do marido Marshall Neilan.

☆ ☆ ☆

*Six days* da Goldwyn será dirigido por Charles Brabin, marido de Theda Bara. A estrella é Corinne Griffith.

*Reginald Barker, dirigindo uma scena do film "Heart's aflame", da Metro*

*Uma scena do film da Vitagraph, "The little Minister", um dos grandes triumphos de Alice Calhoun.*

*Pravda*, o orgão official da Republica dos Soviets, em um dos seus numeros annunciou aos povos que o governo bolshevista resolvera consentir a passagem de um film de Carlito nos cinemas russos, por isso que esse artista que ha muito pertence ao partido socialista nos Estados Unidos, pretende filiar-se ao communismo, levando o seu ardor a querer fixar residencia effectiva na terra moscovita.

☆ ☆ ☆

Em *The fog*, da Metro, sob a direcção de Max Graf, figuram Mildred Harris, Cullen Landis, Louisa Fazenda, David Butler, Ann May, Ralph Lewis, Marjorie Prevost, Frank Currier, etc.

☆ ☆ ☆

A Universal planeja fazer oito films de series na proxima secção de 1923-24. Os artistas serão William Duncan e sua esposa Edith Johnson, Fred Thomson, Ann Little, Eileen Sedgwick, Joe Borrows e Jack Mower.

☆ ☆ ☆

Em *The law bringers*, film da Metro, dirigido por Reginald Barker, figurarão Barbara La Marr, Wallace Beery, Joseph Swickard, Renée Adorée, Pat O'Malley, Pat Harmon e o japonez George Kuwa, figura popular nos films da Paramount.

☆ ☆ ☆

Devido ao seu trabalho em *Brass*, Irene Rich foi contractada pela Warner Bros. por longo tempo. O mesmo se deu com o menino Bruce Guerin, mais um prodigio.

☆ ☆ ☆

Harry Carey está fazendo *The Miracle Baby*, mais um film para a F. B. O. Coadjuvam-n'o Viola Vale, nossa velha conhecida, que ha pouco vimos com o proprio Carey em *Bom homem e verdadeiro*, Edward Hearn, Charles Le Moyne, um dos bons cynicos do *far-west*, Alfred Allen, Bert Sprotte, Margaret Landis e Hedda Nova, a heroina de *Em palpos de aranha*.

☆ ☆ ☆

Jacqueline Logan, Maurice Flynn e William Davidson são os principaes artistas que figurarão em *Salomy Jane*, da Paramount, dirigido por George Melford.

☆ ☆ ☆

Eileen Sedgwick é a principal interprete do film *Scarred Hands*, de uma fabrica independente.

## POBREZA DA RIQUEZA

*(Fim)*

mais do que o exito social e a gente deve tel-os em quanto moços, para ter tempo e o prazer de educal-os.

A entrada de John veiu interromper a conversa das duas amigas. Grace retirou-se. Ao descer para a sala de jantar, John annunciou á esposa que aquella noite devia ser decisiva para elle. A sua nomeação para sub-gerente da fabrica dependia da maneira por que elle se mostrasse captivante para com o Sr. Philips. Elle lamentava que Tom Donald fosse concorrente ao logar, mas Tom era tão "caipora"...

Pouco depois o Sr. Phillips e seu filho Stephen se faziam annunciar, e John tomava conta do seu patrão, deixando a esposa com o joven Stephen, cuja queda por Katherine elle sabia perdurar ainda. Momentos após, o criado annunciava o jantar e Katherine fazia as honras da casa aos convivas, quando fizeram prevenir Grace e seu marido, que tambem tomavam parte no agape, que seu filhinho estava passando mal. Grace levantou-se precipitada e Katherine deixou o seu logar para acompanhal-a á casa. John, porem, embargou-lhe os passos, admoestando-a com uma expressão de mal contida colera. Que tinha ella a fazer em casa dos Donaldson? Lembrasse-se de que estavam ali os seus hospedes a reclamar a sua attenção.

Katherine, com um grande desapontamento, deixou escorregar dos hombros o manto que havia posto para sahir e John voltou para junto de Philips para ouvir-lhe observar:

— Colby, você está a pique de um triumpho, mas não se esqueça de que tudo quanto for na vida deverá em grande parte á sua mulher.

John teve a nitida impressão do seu delicto, mas esse relampago da consciencia apagou-se quando o magnata, ao se despedir, deu-lhe *rendez-vous* para a manhã seguinte, dizendo-lhe ter assumpto importante a tratar com elle. John levou envaidecido a noticia da sua promoção certa á mulher e no seu egoismo não comprehendeu que esta não mostrasse a mesma alegria que elle. Katherine aproveitou o ensejo para falar novamente ao marido dos seus sonhos de maternidade, mas desta vez não foi mais feliz do que das outras.

— John! — supplicou ella, não comprehendes o perigo que corremos de sermos um casal desgraçado? Nunca pensas em mim sózinha... numa casa vasia?

As palavras da esposa fizeram-lhe sentir uma ponta de remorso. Sim, elle comprehendia o valor dos filhos para as mulheres, mas era essencial não esquecer que filhos representam despezas, e de que valia pôr entezinhos no mundo para soffrerem as privações que os esperam fatalmente, quando seus paes pouco menos são do que miseraveis?

— Mas, John, objectou a mulher, se todos pensassem como tu, não haveria creanças no mundo; porque poucos são os que triumpham na vida, como tu entendes. Privarmo-nos dos prazeres e alegrias dos filhos, porque não podemos dar-lhes todo o luxo que imaginamos, é um egoismo criminoso. Olha, por exemplo, Grace...

— Grace, sorriu com ironia John, sim, Grace é o exemplo e tu não vês a vida de preoccupações e de pobreza que ella e o pobre marido levam, a trabalhar para sustentar a ninhada?

E assim dois annos correram para a vida do casal. O marido realisara quasi as suas ambições de prosperidade financeira na fabrica, mas isso á custa de um trabalho arduo, que o conservava sempre afastado do lar. Katherine, por seu lado, só e isolada, empregava todo o seu tempo em deveres mundanos.

Uma tarde John telephonou do escriptorio. A esposa não havia ainda voltado. John disse á criada que a prevenisse que elle não jantava em casa. Era justamente o dia do quarto anniversario do seu casamento. Katherine desejava fazer uma surpresa ao marido naquella data e sahira para lhe comprar um presente — uma cigarreira de prata.

Quando, porém, ella terminava os preparativos para a recepção carinhosa ao esposo, a criada appareceu desculpando-se de lhe não ter dado immediatamente o recado: o Sr. Colby telephonara que não jantaria em casa.

O choque foi terrivel, tão violento que ella não poude occultar a sua commoção á criada. —

— Está bem, disse Katherine, eu esperarei para jantar até que o seu patrão chegue.

A criada teve um olhar de grande piedade para a sua patroa e retirou-se. E a desolada esposa teve uma crise de lagrimas: nem mais no anniversario do nosso casamento elle se lembra do lar!... E as horas se passavam e as velas iam se consumindo... Afinal, a campainha soou e Katherine, apesar de tudo, alegrou-se acreditando ser o marido. Mas a criada annunciou:

— O Sr. Stephen Phillips.

Confessando-lhe que soubera da sua solidão naquella noite que lhe devia ser tão cara, o rapaz entregou-lhe um ramo de flores, com delicada dedicatoria.

Assim era um extranho que fazia o que seu marido devera!!... — pensou tristemente a moça.

E Stephen sentara-se a seu lado declarando-lhe que teria dado tudo na vida para fazel-a feliz. E murmurando-lhe palavras de conforto, elle procurava enlaçal-a, quando John surgiu. Sua impressão foi esmagadora, vendo a esposa nos braços do patrão, e quando interpellou a mulher sobre a significação do seu procedimento, esta atirou-lhe em rosto toda a incorrecção do seu egoismo.

— A tua crueldade chega á inconsciencia, apostrophou ella! Nem no anniversario do nosso casamento tu te lembras mais de mim!... Não tens o direito de exigir contas dos meus actos.

John abaixou a cabeça confuso. Que o perdoasse, ella tinha razão.

Katherine enlaçou-lhe o pescoço nos braços, mostrando o esquecimento de suas maguas. E Stephen explicou.

Não visse John má intenção no seu gesto. Sabia do abandono em que elle deixara a esposa, e velho amigo de Katherine, viera affirmar-lhe os seus sentimentos naquella hora critica.

E depois, concluiu:

— Colby, tu és mais feliz do que eu, porque tens uma tal companheira. Acabo de recommendar-te para a gerencia das Usinas. Sê feliz.

Quando Stephen partiu, John olhou em torno, achou a casa vasia e erma e convidou a mulher para irem jantar num restaurante. Em caminho, seu auto chocou com um outro e John ficou como um louco, quando viu a mulher gravemente ferida. Semanas de anciedade passaram-se para John, até que Katherine entrou em convalescença. Com isso coincidiu a sua nomeação para o logar de Lyons, que havia sido aposentado.

Ao mesmo tempo, porém, que na fabrica elle recebia as felicitações dos seus companheiros, em casa o medico annunciava á sua esposa que o accidente de que ella fôra victima tirava-lhe todas as esperanças de maternidade. Assim, quando radiante, John entrou no quarto da esposa com a boa nova, esta lhe respondeu com uma infinita amargura na voz:

— Tu, John, ganhaste, mas eu perdi a unica razão de viver. Tu me roubaste, John, tu me roubaste, John! — exclamava ella entre soluços. Só Deus sabe agora o que vae ser de nós, da nossa vida, sem a alegria dos filhos que enche o vacuo do tempo e cimenta a felicidade do lar!

E Katherine deixou-se cahir esmagada por um grande abatimento physico e moral.

John, então, comprehendeu toda a extensão do seu erro e teve a sensação do irremediavel.

Oh! e que diria elle se visse naquelle mesmo momento o espectaculo encantador na casa de Tom e Grace Donaldson, onde o chilrear dos filhinhos enchia de rumores o ambiente e de felicidade o coração de seus paes, ricos na sua pobreza, muito mais ricos do que o triumphante John Colby, que ao seu egoismo tudo sacrificara do que ha na vida digno de viver-se.

---

## DUQUEZA DE LANGEAIS

*(Fim)*

do inverno — um renascer de forças que se haviam adormecido sob a neve da estação. Por ella, elle se sentiu capaz de impulsos de mocidade, de fazer um soneto, ou bater-se em duello.

— Praza aos céos que ella nunca suspeite da influencia que será capaz de exercer sobre mim. — monologava

elle, ao procurar descobrir entre a multidão que enchia a sala de baile os cabellos negros da duqueza.

E meia hora depois, encontrando-se junto do balcão a contemplar a lua, de Montriveau sorprehendeu uma voz dizer ao Conde de Mar[illegible]:

— Pois se vae [illegible] a meu marido, dizendo que, [illegible] elle perca a aposta que fez co[illegible] a meu respeito, diga-l[illegible] que a esposa, a quem e[illegible] desprezou, fez o que to[illegible] damas da côrte não c[illegible] fazer palpitar um coraçã[illegible].

Mas sua voz [illegible] garganta, vendo surgir dia[illegible] olhos a figura de Jean [illegible]eau, com uma expressão [illegible] face.

— Não, não me [illegible]! — gritou ella, cheia de ang[illegible]. — O senhor não me compr[illegible], eu fui insultada por elle!..

Mas de Montriveau foi impiedoso.

— Bello triumpho, na verdade, — amollecer um coração de ferro, não é exacto, cara madame...? como é mesmo que a chamam? Ah! Madame Modestia...

— Oh! piedade! exclamou a duqueza; não me julgue assim!

Eu não sou a *coquette* que estaes pensando. Eu vos amo!

Amo-vos sómente a vós no mundo. Elles apostaram sobre a minha pureza, minha virtude, esse homem e o velho duque, e isso me enlouqueceu. Mas eu quero que de Marsay ganhe a aposta.

Os olhos de Montriveau tinham uma expressão cruel.

— Dizeis serdes minha? inquiriu elle atravessando-a com um olhar mão.

E tirando do dedo o annel com o seu sinete, chegando-o á chamma da vela que estava proxima, proseguiu: — Pois então é preciso que todo o mundo o saiba. Marcarei na sua fronte o signal de que de Marsay ganhou a aposta.

O rosto da moça cobriu-se de uma grande pallidez, mas seus olhos não tremeram: — Faça de mim o que quizer! exclamou ella quasi num sopro, mas não me olhe com esse olhar de odio.

Mas quando ella já sentia o calor do metal na epiderme, de Montriveau recuou a mão e atirou o annel pela janella, dizendo que a lembrança de algumas horas de felicidade impediam-no de a ferir como Corina o havia ferido. A duqueza agarrou-se a elle supplice: que elle não fosse cruel, não a abandonasse. Mas de Montriveau falou-lhe:

— Diga a de Marsay que elle perdeu a aposta, apezar de tudo. A senhora foi indiscreta, mas ainda virtuosa. O modelo das esposas. Adeus!

O homem afastou-se e a duqueza venhomem afastou-se e a duqueza vencida pela emoção da lucta moral tremenda que lhe abalava os nervos deixou-se cahir. Mais tarde, em casa ella implorava á sua dama de companhia: Oh! dizei-me vós que sois mais velha, mais experiente: que devo eu fazer para que elle volte? Sei que elle me ama e para mim elle é tudo neste mundo!

Madame de Serizy meneou a cabeça: conhecia mil maneiras differentes de se conquistar o amor de um homem, affirmava ella, mas ignorava qual o meio de fazer voltar um amor perdido. "E' possivel resuscitar os mortos? perguntava a velha e experiente dama. Não minha filha, tome o meu conselho, não pense no que se foi. Arranje um outro caso e preserve o seu coração de participar delle."

A vida corria como de costume na alegre côrte, mas a duqueza de Langeais já não era vista na turba dos festejadores habituaes. Um dia correu a noticia da morte do duque no campo



longinquo de operações, morte não de bala mas de indigestão e a duqueza tornou-se centro de todos os mexericos.

— Que partidão!

— Desta vez se casaria por amor.

— Um milhão de renda!

Mas outra noticia veiu atiçar ainda mais o fogacho dos alviçareiros: a duqueza de Langeais ia recolher-se a um convento.

— Oh! era monstruoso, mas ella devia ter as suas razões para assim proceder, commentava-se. Todos se espantavam com essa resolução, mas especialmente o conde de Marsay, que dispoz-se a apurar a verdade. Procurando o general de Montriveau narrou a este o que sabia dos boatos. Mas de Montriveau, como era seu habito em taes circumstancias psychologicas, falou do tempo, achando que o dia estava um pouco frio. De Marsay, vendo que nada havia a arrancar, confessou então humildemente que na realidade elle se equivocára a respeito da duqueza. Ella não era absolutamente uma *coquette*.

— Equivocou-se! apostrophou com vehemencia de Montriveau.

Quer então, dizer que me mentiu? Miseravel, se tem algum amor á sua vida, diga-me toda a verdade!

---

Pela estrada que vinha de Paris o coche da duqueza de Langeais rodava veloz, mas ainda assim não tanto quanto desejaria a sua passageira.

A duqueza sentia-se, na realidade, já indifferente ao soffrimento, mas era enorme a sensação de fadiga, de cansaço physico e moral que a possuia; e ella pensara na paz do convento. A vida alli seria um somno, sem sonhos febris. Eh! mas [illegible] andava de vagar aquella carr[illegible]; como ella tinha pressa em chegar... N[illegible] a duqueza ouviu o galopar de um animal que se approximava do seu coche. De repente um punho vigoroso segurou o freio do cavallo lateral da carruagem, obrigando esta a parar e a duqueza viu-se despertada da sua *réverie* para se encontrar apertada com força por dois braços vehementes.

— O senhor!

— Sim, e eu tinha medo de não apanhal-a a tempo. Por que corria tanto?

— Mas és tu, tu realmente meu amor?

E o silencio que se seguiu foi longo bastante para deixar o cocheiro receioso de que nunca mais a viagem proseguisse.

---

TEMPESTADES DA ALMA

(*Fim*)

quando o grande inimigo surgiu, o implacavel adversario: o fogo! A floresta esbrazeada, era uma immensa fogueira. Esquecendo, então, todos os resentimentos, esquecendo-se de si proprio, elle voltou para a cabana e tomou Jeannette nos braços. Era tempo, a cabana ardia, e Burr, robusto, com as forças decuplicadas pelo amor, transportou a moça através as chammas e collocou-a em logar seguro. Só então se apercebeu da desapparição de Dave: Dave estava prestes a morrer asphyxiado. Precipitou-se novamente e conseguiu salval-o. Agora que cumprira o seu dever, parecia a Burr que o mundo não existia mais; nada mais podia ver por entre as palpebras tumefeitas. Restava-lhe ainda um dever a cumprir. Approximando-se de Jeannette, disse-lhe:

— Agora pode ir para o convento

de Notre-Dame, nós a acompanharemos.

Elle dissera estas palavras com um ar impassivel, não obstante ter o coração a estalar de dor. Mas Dave, que lhe devia a vida, não podia acceitar esse sacrificio. Confessou tudo, contou o ardil que empregara para obter um beijo de Jeannette, um beijo de piedade e não de amor. Jeannette amava a Burr, ella mesmo o confessou, estendendo-lhe os braços. Agora, Dave desejava afastar-se. Quando a canôa se afastava da margem, Winton gritou-lhe, apertando Jeannette ao peito:

— Não se esqueça de trazer o pastor.

E temos todas as razões para crer que o casamento não se demorou.

---





Jack Mulhall, Claude Gillingwater, Ann Wilson, Ann Cornwall, Andre de Beranger, Milla Devenport, Gilbert Douglas, Lucy Beaumont e Fred Cavena são os artistas que coadjuvam Constance Talmadge em *Dulcy*.

---

# AS FUTURAS ESTRÉAS

(ATRAVEZ DA CRITICA NORTE-AMERICANA)

*Os seis melhores films do mez:*

THE COVERED WAGON — Paramount
THE FAMOUS MRS. FAIR — Metro
WHERE THE PAVEMENTS ENDS — Metro
MAD LOVE — Allemã (*)
MRS. BILLINGS SPENDS HIS DIME—Paramount
ADAM AND EVA — Paramount

WHERE THE PAVEMENTS ENDS, da Metro, com Ramon Navarro e Alice Terry, direcção de Rex Ingram, é extrahido da novella de John Russell *The Passion Vine*. Temos, vendo esse film muitas vezes, a sensação de ser o melhor desse director. E' um estudo do amollecimento do caracter das gentes do norte na atmosphera calida dos tropicos. Esse film vae elevar Ramon Navarro á categoria de idolo dos frequentadores do cinema.

MAD LOVE (*), da Goldwyn, é um film de Pola Negri, feito ainda na Allemanha, a historia de uma cortezã que sente um verdadeiro amor, uma especie de *Dama das Camelias* allemã. Só serve para adultos. A direcção é da velha escola continental. A interpretação de Pola um pouco exaggerada. Não vale os films feitos sob a direcção de Ernest Lubitsch.

THE COVERED WAGON, da Paramount, com J. Warren Kerrigan, Lois Wilson e Ernest Torrance, é um extraordinario film, um desses films que fazem epoca, a maior producção desses ultimos annos. Um sopro grandioso de poesia epica perpassa por essa historia que se desenvolve em duas horas de projecção. Uma singela historia de amor se entrelaça com os episodios heroicos desses pioneiros que atravessam o deserto em busca das ferteis planicies do Oeste. James Cruze dirigiu magistralmente esse film e ganhou com elle esporas de ouro. Podemos aconselhar *Covered Wagon* sem reservas. E' um grande film, o maior film desde *O nascimento de uma nação*, de Griffith. A interpretação é excellente. Lois Wilson encantadora heroina, J. Warren Kerrigan muito bom. Ernest Torrance, porém, é que se excedeu a si proprio. Tully Marshall tambem muito bom.

THE FAMOUS MRS. FAIR, da Metro, com Myrtle Stedman, Huntley Gordon e Marguerite de la Motte, direcção de Fred Niblo, é um outro trabalho excellente. O entrecho é um appello á volta da mulher ao lar. Ahi é que ella deve reinar, não nas extravagancias da vida tormentosa da alta sociedade. O lar de "Mrs. Fair", famosa por seus serviços na grande guerra, dissolve-se aos poucos com a sua ausencia, marido e filhos cada qual para seu lado. A direcção de Niblo é impeccavel. O desempenho dos principaes artistas magnifico. Um excellente film.

MRS. BILLINGS SPENDS HIS DIME, da Paramount, com o redondo Walter Hiers no papel de *estrella*, é uma comedia magnifica, se bem explore a já batida revolução em terras da America do Sul. George Fawcett muito bem.

ADAM AND EVA, da Paramount. Sob a direcção de Robert Vignola, Marion Davies fez alguns dos seus melhores papeis, e ao ver esse film sentimos que elle não continuasse a dirigil-a. E' uma agradavel comedia e Marion Davies sempre graciosa.

---

ADAM'S RIB, da Paramount, dirigido por Cecil B. de Mille, é o seu trabalho mais fraco.

SCARS AND JEALOUSY, da First National, com Lloyd Hughes, Marguerite de la Motte e Frank Keenam, é um bom film.

OTHELLO, film allemão sob a direcção de Buchovetzki, é outra boa producção. Emil Jannings e Werner Krauss excellentes.

DADDY, da First National, com Jackie Coogan, tem um enredo mediocre que a interpretação do garoto consegue salvar, entretanto.

JAZZMANIA, da Metro, é um film de Mae Murray, a historia de uma princeza europea que se transforma em dansarina na America. Um pouco longo, talvez.

RACING HEARTS, da Paramount, historia automobilistica feita talvez para Wally Reid, substituido agora por Dix e Agnes Ayres no papel de heroina. Interesante.

ARE YOU A FAILURE?, da Preferred Pictures é um film em sete partes, das quaes tres valem a pena, o enredo passa-se em uma pequena cidade do interior que parece ser habitada só por artistas.

THE BOLTED DOOR, da Universal, com Frank Mayo e Phyllis Haver, é uma historia domestica com esposos que dormem em quartos separados e outras cousas, acabando a virtude por triumphar.

GOSSIP é um film de Gladys Walton, com todos os encantos dessa artista.

THE PRISONER, da Universal, com Herbert Rawlinson e Eileen Percy, tem alguns episodios bons.

YOUR FRIEND AND MINE, da Metro, com excessos em todos os detalhes do argumento. Tudo é na realidade excessivo nesse film.

BACKBONE, da Distinctive Pictures, é regular como entrecho e interpretação.

CAN A WOMAN LOVE TWICE?, da F. B. O., com Ethel Clayton, Malcolm Mc Gregor e Muriel Dana, tem alguns episodios interessantes, algumas scenas encantadoras.

POP TUTTLE'S POLECAT PLOT, da F. B. O., comedia rural, é muito graciosa e divertida.

ROD AND GUN SERIES, da Hodkinson, é uma historia tetrica em que a riqueza dos detalhes e o excellente trabalho photographico se perdem entre essa gente que dá tiros só pelo prazer de matar.

STORMSWEPT da F. B. O., não é proprio para meninos apezar da presença dos dois Beery que sempre consideramos pessoas sérias.

A WAGGIN'TALE, da F. B. O., com o casal Carter de Haven, é uma comedia que faz rir.

CAREY JONES JR. da Educational é uma comedia que se passa em vagon de estrada de ferro e diverte.

THE FOUR ORPHANS de Hodkinson é uma boa comedia que faz rir, interpretada por Charles Murray, Raymond Mc Kee e Mary Anderson, mais uma porção de creanças muito intelligentes e graciosas.

---

(*) Passou aqui com o nome *Sapho*, no Cine Palais. Interprete: Pola Negri.

# A PAGINA DOS NOSSOS LEITORES

*Sr. Operador:*

A arte não tem patria. Admiro-a, proceda ella de qualquer parte do mundo. Não posso admittir, portanto, que se colloquem os artistas, as producções de um paiz em plano superior ao de outro.

Em assumpto de cinematographia, temos encontrado opiniões varias acerca do trabalho cinematographico. Assim, uns são adeptos fervorosos dos artistas americanos, outros dos francezes, outros, ainda, dos allemães.

Ora, si fosse externar o que penso, diria que admiro o progresso extraordinario e crescente dos americanos, que não encontram difficuldades irremoviveis; não deixo de admirar as raras producções francezas que nos chegam ao mercado de films, exceptuando-se, porém, essas estopadas em series, que nos apparecem, de vez em quando; e, finalmente, não deixo de reconhecer, com a mais profunda sympathia, o valor da Allemanha na lucta gigantesca em que se empenha, na conquista da victoria de seus esforços. Com mais tempo e recursos, de que não dispõe agora, tenho que o futuro predominio na arte cinematographica seja da velha e gloriosa Germania.

---

Fallar de artistas, é de todo que frequenta, com interesse, o cinema.

Quem não tem seus apaixonados da téla, suas predilectas do *écran?* Quem não fica saudoso com a ausencia prolongada de uma estrella que admira e cujos films nos demoram a chegar?

Em um dos numeros de "Para todos...", li o trabalho de um collaborador, que se diz "americanophilo", admirador impenitente da Paramount, e que, entretanto, diz cobras e lagartos de Pearl White.

Isso, então, é de "americanophilo"? Safa, se não fosse!...

Pois, Pearl White é, para mim, uma das artistas que figuram em primeira plana. Attesta-o a popularidade que grangeou em todo o mundo, o que é a melhor recompensa para o seu valor.

Não posso deixar de enaltecer o talento formoso das irmãs Gish. Lilian, então, é uma artista perfeita. E' para todos os transes, para todas as emoções. Em qualquer occasião sabe mostrar seus recursos artisticos, que são illimitados.

E Carol Dempster? Typo de mulher adoravel, sabe desobrigar-se, com a maxima galhardia, dos papeis que são confiados á sua responsabilidade.

Temos, ainda, Mary Pickford, cujo merecimento é um thesouro de fabuloso valor, as irmãs Talmadge, Mary Carr, que tantas lagrimas me tem arrancado, e... que direi mais?

---

Nos grandes films que importamos da Allemanha, admiro, estupefacto, o quanto tem conseguido essa nação, a braços, actualmente, com uma crise intensa, o que só demonstra o caracter altamente progressista desse povo operoso, cujo unico desejo é trabalhar e vencer.

Ali, se não dispõem dos enormes recursos financeiros que possuem os americanos, ha a vontade ferrea das organisações que surgem, das emprezas florescentes, que já rivalizam com suas congeneres de além Atlantico.

Notabilidades artisticas não lhes faltam, pois já nos foi isso assegurado nas grandes producções que recebemos, o que patenteia do quanto é capaz a cinematographia allemã.

No elenco masculino encontramos os melhores artistas. Emil Jannings, para mim, é o maior tragico actual. Que naturalidade de expressões, que gestos soberbos mantem nas varias attitudes das acções que commette! Quem melhor encarnaria Danton, quem com mais perfeição seria um Pharaó?

Todos os qualificativos não demonstrariam a sua personalidade.

E o adoravel Harry? Não o comparo a quantos Walsh, Wallace e astros que existam.

Paulo Wegner e artista de renome.

De Mia May, admiro a distincção do seu porte *von Konigin.*

De sua *Tochter* Eva, a belleza fascinante, que tanto concorre para o seu successo.

Fern Andra, a adoravel, não ha expressões que a consagrem. Já alcançou todos os louros que a gloria lhe poderia conferir.

Pola Negri... já não está em Berlim; casou-se, não sei como, com o desengonçado e ridiculo Carlitos, o comico mais... desgracioso.

Lia de Putti, Carola Toelle, Lil Dagover, Salmonova, Servaes, Lotti Neumann...

Isso faz-me crer no que disse já: *Mit Metter und Gold* será a Allemanha o *Kaiserreich* da cinematographia.

E... ia-me esquecendo de que já abusei bastante da paciencia do bom Operador.

Assim, remato por hoje.

Rio — Rua Joaquim Meyer, 84.

LIZ.

---

Caro Sr. Operador. — Saudações affectuosas.

Peço-lhe transcrever na "A pagina dos nossos leitores", a seguinte

Adoração Cinematographica: — Eu adoro por tudo:

Charles Buck Jones, William Desmond, William Farnum.

Adoro a severidade de William S. Hart, adoro a heroicidade de Harry Carey, adoro a arte do Salto de Douglas Fairbanks, adoro a dramaticidade de Lon Chaney, adoro a belleza de Richard Barthelmess, adoro o sorriso seductor de Hoot Gibson, adoro a tragica de Sessue Hayakawa, adoro o olhar firme de Milton Sills, adoro a perspicacia do Richard Talmadge, adoro as sensações do Tom Mix, adoro a fealdade de Erich Von Stroheim, adoro a coragem de Eddie Polo, adoro os olhos encantadores do Art Acord, adoro o sorriso captivante do Tom Moore, adoro a intrepidez de William Russell, adoro a graça rara do Jackie Coogan, adoro a valentia do Harry Myers, adoro os modos brejeiros de Herbert Rawlinson, adoro a comicidade de Al St John, adoro a sympathia de Noble Johnson.

Sem mais, agradecida sempre, vossa admiradora.

MLLE FLÔR DE LOTUS.

---

## MAE MURRAY

Ha cerca de vinte e dois annos, nasceu em Portsmouth, Virginia, a fascinante Mae Murray.

Desde pequena mostrou grandes aptidões choreographicas, e era um prazer apreciar-se aquella linda creança loura de cabellos encaracolados, e grandes olhos azues e expressivos, a dansar perfeitamente bem; dir-se-ia que tivera professor.

Moça já, seus paes não se oppuzeram á entrada della para o Ziefeld Follies, como bailarina.

Mae então, teve como "partner" Rodolph Valentino.

Foi contractada para o palco, e após algum tempo ingressou na Universal; fez então para essa fabrica alguns films como estrella.

Lembram-se os leitores do excellente film "Princeza Virtude"?

Mais tarde, com grande fama, obteve um contracto com a Paramount, pelo qual se obrigava a fazer quatro films, os quaes lograram um estupendo successo e foram: "On with the dance", "Idols of Clay", "The right to Love" e "The gilded Sibyl".

Nos tres primeiros o seu "leading-man" foi David Powell, que desempenhou a contento os papeis a elle confiados, cahindo nas boas graças do publico.

O director de scena foi George Fitzmaurice, e os scenarios de Ouida Bergere.

Findo o contracto passou-se para a Metro e para essa empreza já fez "Peacock Alley", "Fascination", "Broadway Rose", estando quasi prompta a sua ultima producção "Jazzmania".

Em todos esses films, o director de

scena foi Robert Z. Leonard, seu marido.

Mae vive em completa harmonia com Robert, e quando obtêm ferias, emprehendem viagens de recreio.

Mae Murray joga admiravelmente o tennis e o golf, e adora a leitura.

Gosta muito do seu "home" e desempenha perfeitamente as funcções de dona de casa.

E' com razão que o publico norte-americano lhe chama "The fascinating girl".

30-3-923.

F. B.

Sr. Operador.

Vou tambem metter-me na malfadada questão travada entre F. B., White Pearl e Joãosinho. Desde já peço desculpas a White Pearl pelo meu atrevimento, e a vós, caro Operador, pela "massada" que a leitura desta carta lhe vae dar.

"Griffith e De Mille formam a corporação americana inteira?" — pergunta White Pearl.

Não, Pearl. Alem de Griffith e De Mille, os americanos têm Thomas Ince, Rex Ingram, George Fitzmaurice, John S. Robertson, Allan Dwan, Maurice Tourneur, Fred. Niblo, William de Mille, e outros.

A este forte elenco de directores os allemães não oppõem senão cinco, que formam o fraco esteio em que se apoia a cinematographia allemã. São elles Lubitsch, Joe May, George Jacoby, Max Reinhardt e Robert Wienne, o director do discutido *Gabinete do Dr. Cagliari*. Os restantes directores allemães não se salientam.

Entre as fabricas americanas citadas por White Pearl figuram a First National e a First-Circuit. Que grande asneira!

A First National é a mesma First Circuit, miss White Pearl. Coitada, ignorava que o nome da marca é: First National Exhibitor's Circuit-Inc.

Ao descrever aquella asneira, o pensamento de White Pearl devia estar vagueando pelos "studios" allemães e pelo studio da Pathé N. Y., onde gravita uma estrella sem arte chamada Pearl White.

Faz pena, caro Operador.

E' com os films *Perola do Oriente*, *Pode o amor mais que a morte?*, *Catharina II*, *Nobreza*, *Genuina*, *Amores de Pharaó* e *Othello*, que White Pearl tenciona abafar a producção "yankee", composta de films como: *Heliotrope*, *A marca de Zorro*, *Humoresque* e *Eterna lua de mel?*

Os dois primeiros destes quatro films eram o bastante para "afogarem os films citados pela "Perola Branca da Allemanha".

Não nego que os allemães sejam mestres nas reconstituições historicas, mas os seus films que tratam da vida moderna não valem nada. Para certificar-se do que eu digo, Miss White Pearl, não tem mais do que recorrer ao n. 187 do "Para Todos..." e ler, nas "Futuras Estréas", a critica feita ao film *Violeta*, da Ufa. Gerash e Steinbruck só se salientaram em dois ou tres films e, por isso, não devem ser considerados "grandes "estrellos".

No que toca a Pearl White, Miss Pearl, faço-lhe a seguinte pergunta: Porque foi que a Pearl White deixou a Fox, onde fazia dramas, para voltar ás séries do Pathé?

White Pearl, defendendo a cinematographia allemã e a arte de Pearl White, está gastando tempo, tinta e papel.

Terminando, caro Operador, peço-vos o favor de publicar esta carta, embora seja ella um tanto longa.

Do admirador

*Cyclone Smith.*

"ESPOSAS INGENUAS"

Sr. Operador.

A super-Jewel da Universal "Esposas Ingenuas", foi, sem duvida, uma das grandes producções do anno findo embora o seu enredo seja um tanto escandaloso.

"Esposas ingenuas", é a historia cynica de Sergius Karamzin, um D. Juan moderno, que gozava as suas conquistas, com um canalhismo sem rival, com um sarcasmo desenfreiado, e com o sorriso de grande desdem "que vem logo depois de um desejo saciado".

E' a historia da sociedade corrompida de Monte Carlo, onde a honra não passa de uma palavra sem expressão, e onde o jogo impera espantosamente. Interpretando o papel do conde Sergius, Von Stroheim é de um cynismo irritante. Um dos aspectos mais interessantes do seu cynismo, é aquelle em que elle, para provocar lagrimas, molha os dedos na chicara de café, afim de enternecer a sua serviçal, para desse modo apoderar-se do dinheiro que precisava. Vivendo o impudico fidalgo russo, Von Stroheim parece ser Satanaz em pessoa. Com esta estupenda interpretação, o famoso actor austriaco conseguiu o seu ideal: ser detestado pelas mulheres.

"Esposas ingenuas" é um film que se impõe, não só pela sumptuosidade e esplendor dos seus scenarios, mas tambem pelo desempenho que lhe dão seus principaes protagonistas, que são Von Stroheim, Miss Dupont, Maude George, e Mae Bush.

Recife, 28 de Março de 1923.

CYCLONE SMITH.

S. Paulo, 9 - 4 - 923.

Exmo. Sr. Operador.

Cordiaes saudações.

Sómente hoje tive occasião de ler no "Para Todos..." a missiva a si enviada pela senhorita M'liss. Não me pude conter e peguei da penna para lhe dar uma resposta. Diz a referida senhorita na dita carta: "Mary é mil vezes maior que Pola". Mary é a rainha da téla". — "E' tolice confundir Mary com Pola". Não ponho em duvida o merito artistico de Mary. Isso não. Gosto porém de dar o seu ao seu dono. Vejamos. Em primeiro logar, o genero de Mary é muito differente do de Pola. Mary não passa de uma artista de comedia dramatica, ao passo que Pola abraça o drama. Por ahi se vê que Mary não póde ser superior a Pola. Passemos adeante. Mary vive no centro mais adeantado em cinematographia no mundo. Tem a seu favor toda a experiencia possivel; tem além disso o factor mais importante para as grandes empresas — o dinheiro.

Pola tinha contra si todas as desvantagens possiveis. Vivia em um meio que se começava a formar; luctava contra a escassez de capitaes que levaram á fallencia varios productores germanicos. Não tenho razão? Não obstante, Pola brilhou!

Não fosse seu grande talento e veriamos se a Paramount se arriscaria a tirar Pola da Allemanha. Pola é a maior artista da scena muda. Suas unicas rivaes são Pauline e Norma. Não falo de Nazimova, pois ella é Russa. Paralleliso allemães e americanos. Agora que Pola está no paiz da liberdade esperemos seus capolavoros. Ahi veremos o que é a arte. Affirmo com ousadia uma cousa. Mary decahe. Haja á vista o nº. 223 desta revista em que na secção "Futuras estréas" o critico norte-americano diz — "Mary volta aos velhos dias do cinema".

Não leu isso, M'liss?

Bebe não é superior a Ossi. No meu ver seus dotes artisticos se equivalem. Se Bebe tem lindos muchochos, Ossi tem cada sorriso!

Falemos um pouco dos "astros".

Na Allemanha sente-se a falta de actores. São todos uns bonecos ridiculos. Entretanto, como não ha regra sem excepção, vem á baila Emil Jannings.

Quem o supera? Ninguem. Seu unico emulo é William Farnum. Dizendo isto digo tudo.

E' verdade que, emquanto nos E. Unidos abundam actores e actrizes, na Allemanha ha escassez.

Mas tambem os poucos que ha põem em um chinello os "yankees".

Não sou germanophilo. Não pensem tal. Admiro até muito a arte muda "yankee". Mas como tudo deve estar em seus eixos, dou a "Cesar o que é de Cesar". Está muito longa esta missiva e por isso vou terminal-a. Mais tarde continuarei se o Sr. Operador o consentir.

Saudações humildes do admirador

ALFREDO C. LOPES

## UM CONTO PARA TODOS

# A CIGANA

*A Mlle Glorinha Barreto*

Encontrei hontem, ao sol das duas, dando um ar de nobreza ao *footing* na Avenida, a encantadora condessa de Z, num vestido jade, que me deu a impressão de uma sereia. Conversámos. Perguntei-lhe pela delicada Rosa Maria, sua inseparavel amiga, que eu não via ha muito tempo.

A condessa esboçou um sorriso triste, e depois de uma pausa falou:

— Recebi ha dias uma carta commovedora da minha pobre amiga; carta dolorosa, amargurada, em que ella me dá conta da sua infelicidade...

— Mas, perdôe-me senhora condessa, Rosa Maria pareceu-me sempre uma mulher feliz, adorada pelo marido, admirada pela sua belleza e...

— Exactamente. Quer saber? Aqui tenho a carta. Eu não lhe digo nada, prefiro antes que você leia as vinte linhas que Rosa Maria traçou nervosamente num momento de angustia, fazendo-me sua confidente. E escancarando a bocca de tartaruga da sua bolsa deliciosamente perfumada, puxou a carta.

Senti naquelle instante que dalli sahia, preso nas dobras do papel amarellecido, o coração palpitante da perturbadora amiga da condessa de Z.

— Leia! — disse-me ella emocionada, entregando-me a carta.

Tomei-a, e comecei a abril-a, medroso, porque naquelle instante abria uma alma. Eis as suas palavras:

— Minha amiga. Sinto-me ha dias profundamente triste. A minha casa que meu marido mandou fazer no estylo colonial, obedecendo ao meu gosto artistico, ornada de paineis de azulejos, parece-me agora um convento em que eu fosse encarcerada por toda a vida; os meus moveis borrominescos, tão interessantes, bocejando de velhice, lembram-me arcas tumulares, em que se debruçam phantasmas assustadores; os meus vestidos, dão-me a impressão, se os vejo, de pesadas mortalhas.

Repugna-me tudo, até as minhas joias, presentes de casamento que eu tocava com carinho e que tu tanto admiras, — são aos meus olhos cansados, fogos fatuos, e estão atirados na gaveta de um movel do gabinete do Imperio. Os nervos me atraiçoam.

Sabes como começou esta tortura?

Foi assim minha amiga. Eu tinha lido numa carta de Gonçalves Crespo — o poeta ourives — este trecho commovedor, que, — eu sou muito superstíciosa — não pude esquecer mais: — "Quando recolhia hontem á noite a casa, bateu-me no peito uma borboleta negra, que me apavorou..."

Que ponta de fel, estas palavras, me puzeram n'alma. Senti-me enervada e chorei. Tempos depois, alguem batia convulsamente á minha porta. Chamei a creada para attender. Ella foi, como demorasse a voltar, não me contive. Assomei ao alpendre que defronta o portão, beirado de telhas de louça portugueza, que tu conheces, e vi uma dessas mulheres que lêem a sina. A creada voltou dizendo-me que ella queria falar-me, que tinha grandes revelações a fazer-me. O meu primeiro gesto foi de repulsa. Aguçavam-me, entretanto, a curiosidade, as suas revelações. Seriam sobre meu marido? Mandei-a entrar.

Eu quasi adivinhava tudo. Ella entrou, suarenta, pisando com desdem os meus tapetes, sujando-os com a poeira das estradas dos seus sapatos. Era uma mulher magra, feia, mas sympathica. Pediu-me primeiro a mão para ler. Enchi-me de coragem, quiz reagir. Mas pensando nas suas revelações, cedi, estendi-lhe a mão.

A cigana relanceou o olhar sobre ella, e encarou-me. Fitei-a serenamente. Permitti-me ouvir cousas horriveis, impressionantes que, em parte, acreditei. Procurei, comtudo, dissuadir-me, quando ella se foi embora.

Inutil. Fiquei apprehensiva. Horas depois, quando eu ia entrando no meu quarto de vestir, bateu-me no peito uma *bruxa* negra, que me encheu de pavor. Lembrei-me do poeta e amaldiçoei a cigana. Amaldiçoei-a, não porque tivesse olhado com desdem e sujado os meus tapetes, mas porque della ouvi distinctamente o que me aconteceu. Seria isto o signal da minha morte. Tenho, eu sei com certeza, os meus dias contados.

Quando meu marido chegou, eu estava livida, nervosa. Perguntou-me o que succedera. Não tive coragem de dizer-lhe que breve morreria. As lagrimas brotaram-me dos olhos, os soluços suffocaram-me, não pude mais falar. Fiquei prostrada, abatida, como uma arvore outomniça, depois que o vento a sacode furiosamente, e ouvi, muito longe, apagada, sumida, a voz da creada...

— Foi a cigana... O que pensará de mim meu marido? Beija-te a desventurada — *Rosa Maria*.

Fechei a carta. A condessa de Z, abrindo novamente a bolsa, guardou-a, e murmurou, apertando-me a mão na despedida:

— E' um grande drama esta carta. E partiu arrastando a sua elegancia.

Acompanhei-a com os olhos, até confundir-se na onda oscillante do *footing*, sentindo ainda clara, distincta, martellando-me o ouvido, a phrase da creada:

— Foi a cigana...

ALBERTO SAUDE.

# Graphologia

AVISO

*Temos inutilisado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal e outras, finalmente, escriptas a lapis.*

*Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente escriptos: a tinta, legalmente assignados e em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.*

---

SOLITUDE (Rio) — Espirito activo e muito dissimulado, indo, se fôr preciso, até o recurso da inverdade. Idealista, comquanto ambicioso de bens de fortuna. Quer o agradavel e exige o util. Tem assomos desproporcionados com a sua vontade. Entretanto, possue um querer forte. E' um pouco vaidoso de qualidades intellectuaes. Os actos do coração oscillam: ora influenciados pela avareza, ora pela generosidade.

PRIMEROSE (Santos) — Temperamento exuberante, mas dentro de muita delicadeza, e, por isso, apparentemente timido. E' voluntariosa até ás ultimas consequencias, e de grande serenidade na constancia do seu querer. Tem um coração magnifico para os seus; um tanto duro para com os estranhos.

HERCULES (Pará) — Só se o fôr no physico. Espiritualmente, é um fracalhão. Receia muito a critica e foge de a provocar. A tal circumstancia deve, relativamente, um freio aos excessos de cupidez. Tem desejos immoderados. Seu coração é uma pedra invulneravel ás lagrimas do infortunio.

TOPI (Friburgo) — Natureza sobria, dominada por um certo desejo solitario. E' concentrado. Alimenta uma vaga pretensão de [illegible]... São-lhe indifferentes os murmurios em torno da sua exquisitice. Sua vontade tem pertinacia, mas é falha de iniciativas. Ausencia de bondade cordial.

JARDIM DAS ROSAS (J. U. N.) — Tem um espirito muito sonhador. Tem uma vontade muito pertinaz e tem um coração muito frio. Estas duas ultimas qualidades parecem estar em desaccordo com a primeira. Mas estão. O seu sonhar é todo objectivo. Parece visar a segurança do seu futuro. A rigor, pois, é uma excellente materialista, com habilidade para disfarçar a aridez em que essa qualidade importa. De facto, são evidentes os indicios da dissimulação com que sabe agir.

MILONGUITA (Rio) — Alma simples, idealista, com expansões de carinho e bondade. Apenas seus instinctos sensuaes perturbam, ás vezes, esse seu modo de ser e a transformam em creatura mysteriosamente melancolica...



---

Comprehende-se o porque. Sua vontade é um tanto ambiciosa, mas não prejudica direitos de ninguem. Preza, acima de tudo, a justiça. O coração é muito philanthropico.

ALMEIDINHA (Petropolis) — Sem embargo de parecer um homem frio, tem um espirito muito activo e mesmo um tanto arrebatado. Mas é muito compenetrado, cheio de amor proprio, e tem uma grande aversão a quaesquer exterioridades. E é só o que pudemos apanhar no seu bilhetinho.

SCEPTICO (Rio) — Na sua graphia estampa-se o homem methodico, de espirito calmo, sem ser reservado ou indifferente, pois não trepida em confiar seus pensamentos a alguem, nem deixa de vibrar com os acontecimentos, conforme elles merecem. Um dos caracteristicos visiveis é a força e a permanencia dos instinctos luxuriosos, mas sabe guardar as conveniencias. Parecendo á primeira vista um individuo material, logo se percebe que um idealismo forte lhe preoccupa o cerebro, comquanto, aliás, de vôo curto. E' resoluto, mas sem espalhafato e antes apparentando uma certa timidez. Ha sinceridade nos seus propositos e nas suas promessas. O seu coração é bondoso. Seu maior defeito é querer que todos o acatem em qualquer de suas manifestações. E' o amor proprio.

MANDY (Piracicaba) — Espirito caprichoso, inclinado senão á contradicção pelo menos á contrariedade. Gosta muito de criticar os defeitos alheios, esquecida dos seus, entre os quaes tambem se podem contar a vaidade e a imponderação espiritual. Sua vontade é tenaz e mesmo impertinente, e o seu coração muito falho de bondade.

NORA (Rio) — Grande sonhadora, fantasista de cousas romanescas e sempre disposta a acreditar em todos os disparates, desde que tragam um cunho de mysterio. Seu coração é ingenuo, muito vulneravel, mormente quando em face do infortunio alheio.

LAMBARY (Piracicaba) — Natureza pouco communicativa, com impetos de vaidade e armada de um querer incerto. Tem algum idealismo, a que liga, aliás, pouco interesse. Preoccupa-se de mais com a sua pessoa e o seu bem estar. Não obstante, é capaz de praticar a philanthropia por ter um coração muito acolhedor.

X. O. X. (São Paulo) — Homem de poucas palavras e muitas acções. Seu espirito, calmo e resoluto, encara tudo com serenidade e sabe resolver immediatamente qualquer problema que se lhe antolhe. Ao mesmo tempo possue uma vontade de ferro, sem iniciativas audazes, mas forte e constante. Infelizmente, não é boa a tara da probidade. Mas isso talvez pela necessidade premente do meio em que vive, representando, portanto, um recurso natural de defesa: Engana antes que te enganem... Mas existe bondade cordial, de maneira que os proveitos d'aquelle traço não são sómente para si.

# Paraiso das Crianças

*Casa unica na nossa capital só de artigos para crianças desde recem-nascido até 12 annos*

17 B — Gracioso costume em malha de algodão com gorro, nas seguintes côres: branco com listas, grenat, verde, rosa e azul:
1, 2 e 3 annos: 23$000

---

1055 — Vestido imitação a linho, nas côres rosa e azul natier com bordado branco, e branco com bordado de côr:
45 c|m—19$—50 e 55 c|m—21$
60 e 65 c|m—22$—70 c|m—23$

## Enxovaes completos para Recem-nascidos Baptisados e Collegiaes

**Officinas proprias — Secção de exportação para todos os Estados do Brasil**

RUA 7 DE SETEMBRO, 134 — Telephone Central 1231 — Rio de Janeiro

N. 180 — Lindo vestido em malha de algodão, em branco com listas grenat e azul, rosa e natier:
45 e 50 c|m—28$—55 e 60 c|m—32$000.

N. 675 — Elegante calção, em seda lavavel branca, com pintura a oleo: 1, 2 e 3 annos: 85$

---

O mesmo modelo em palha de seda:
1, 2, 3 e 4 annos: 63$
O mesmo em sarja de lã branca, com bordados a côres:
1, 2 e 3 annos: 65$

Off. graphica d'O MALHO